

Disney

PINÓQUIO

LIVRO OFICIAL DO FILME



INCLUI
IMAGENS
DO FILME

UNIVERSO DOS LIVROS



Disney

PINÓQUIO

**ADAPTADO POR ELIZABETH RUDNICK
ROTEIRO DE ROBERT ZEMECKIS & CHRIS WEIT**

BASEADO EM *PINÓQUIO* DA DISNEY

São Paulo
2022

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Pinocchio - the junior novelization

Copyright © 2022 by Disney Enterprises, Inc.

© 2022 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Tradução

Flávia Yacubian

Gerente editorial

Marcia Batista

Preparação

Marina Constantino

Assistentes editoriais

Letícia Nakamura

Raquel F. Abranches

Revisão

Bia Bernardi

Giovana Sanches

Arte

Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R854p

Rudnick, Elizabeth

Pinóquio : livro oficial do filme / Elizabeth Rudnick ;
tradução de Flávia Yacubian. — São Paulo : Universo dos
Livros, 2022.

152 p : il.,color.

e-ISBN 978-65-5609-304-8

Título original: *Pinocchio*

1. Ficção infantojuvenil norte-americana 2. Animação
(Cinematografia)

I. Título II. Yacubian, Flávia

22-4583

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803

CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

PRÓLOGO



As estrelas faiscavam resplandecentes sobre um vilarejo pitoresco. Pelas ruas de pedras irregulares, um grilo vagueava com cuidado. Uma rajada de vento varreu a rua, e o grilo, que vestia roupas surradas, tremeu de frio. Ele se agarrou a um guarda-chuva esfarrapado, desejoso por escapar logo daquela noite fria.

Era o Grilo Falante.

Era um inseto pequeno com uma grande personalidade. Ele se considerava uma genuína anomalia: um grilo que falava!

Andarilho por natureza, ao longo de suas viagens, atravessara muitas cidades. Orgulhava-se de ser um bom juiz de caráter — e de lugares. Mas esse pitoresco lugarejo em particular era difícil de definir. Apesar da aparência adorável e singular, algo o incomodava. As ruas eram tortuosas e confusas. E embora o cheiro apetitoso de comida emanasse das casas, ele sentia que não seria bem-vindo na maioria delas. Quando outra rajada de vento soprou e o atingiu, ele apertou o cachecol em volta do pescoço e seguiu em frente.

Grilo soltou um suspiro exausto. Ele só queria encontrar um lugar quentinho para passar a noite. Notou uma luz suave saindo de uma das vitrines das lojas ao redor e foi olhar de perto. “Mestre Gepeto. Artesão. Fabricante de Brinquedos — Relógios — Retalhos”, leu Grilo. *Retalhos*. Gostou dessa palavra. Esse tipo de lugar era feito para ele.

Espiando por uma rachadura no pé da porta, viu o fogo queimando na lareira. Grilo Falante assentiu. Sim, era o lugar perfeito para passar a noite. Olhando por cima do ombro, enfiou-se pela fenda e foi parar dentro da loja de brinquedos. Embora *tecnicamente* fosse invasão de domicílio, ele pensou que, se não fosse expulso, era como ser convidado. Em sua defesa, lá fora

estava frio demais para um grilozinho. Apenas relaxaria um pouco, secaria as asas diante do fogo e depois iria embora.

CAPÍTULO UM



Grilo Falante estava num paraíso quentinho. Diante de uma brasinha, esperou que o calor se espalhasse e expulsasse o frio de seu exoesqueleto. Grilo se espreguiçou e aproximou as costas da brasa. Ao se virar, pôde enfim observar o cômodo em que havia entrado. Seus olhos pousaram sobre um homem. Era velho, mas não *velho*; de cabelo grisalho, mas não totalmente cinza. Os olhos, focados no trabalho diante dele, tinham pés de galinha, mas eram radiantes. Grilo supôs que se tratasse de Gepeto — proprietário e artesão. Enquanto o homem trabalhava, soava o murmúrio de uma caixinha de música, e um gatinho preto observava com atenção.

Gepeto, com habilidade e muita atenção, pintava uma marionete. Mergulhava o pincel em uma latinha, então coloria a madeira lisa.

— Talvez algo aqui — disse, distraído. — Um toque detrás da orelha. Cabelo brilhante. Estará pronto num instante.

Mergulhou as cerdas outra vez e pincelou o rosto da marionete. Agora, encarando-a de volta, havia dois olhos azuis tão realistas que pareciam prestes a piscar.

Grilo observava Gepeto com curiosidade. O homem obviamente levava seu trabalho de criador muito a sério. Tratava o boneco com delicadeza, como se pudesse quebrar de repente. Parecia que criava algo a partir de uma lembrança. Com vontade de olhar mais de perto, Grilo saltou. Olhou ao redor da loja e percebeu que estava lotada de brinquedos e bonecas de madeira. Uma parede era inteira coberta por relógios cuco elaborados. Estavam em sincronia, os pêndulos balançando em perfeito uníssono. Pulando para a prateleira logo acima da mesa de trabalho, Grilo Falante olhou para baixo e enfim viu o boneco por inteiro.

Soltou um assobio baixinho, impressionado. Parecia um menininho de verdade. A marionete possuía cabelo preto brilhante, bochechas rosadas, olhos azuis. Gepeto o vestira com uma jardineira vermelha e uma gravata-borboleta azul. Um chapeuzinho amarelo com uma pena vermelha estava pousado de lado sobre a cabeça.

Gepeto pausou, os olhos saindo do boneco e indo parar sobre uma fotografia emoldurada em cima da mesa.

Grilo seguiu o olhar. Viu a fotografia desbotada de um garotinho — incrivelmente parecido com o boneco. Um esgar de tristeza atravessou o rosto de Gepeto.

— O que acha, Fígaro? — comentou com o gatinho. — Nada mal, hein? O gatinho bocejou.

— Bom, eu acho que está muito parecido com ele — disse Gepeto, com o olhar ainda fixo sobre a fotografia. Os olhos se encheram de água, de amor... e de perda. O homem soltou um suspiro longo, e os ombros caíram. Mais do que tudo no mundo, Gepeto queria que o menino da fotografia estivesse à mesa com ele.

Mas era impossível.

Tap! Tap! Tap!

Uma batida na vitrine assustou Gepeto e o inseto. Seguindo o olhar do homem, Grilo viu uma figura parada à porta. Era um homem de cartola e com uma capa elegante e comprida.

Gepeto pegou Fígaro e o aninhou debaixo do braço. Em seguida, abriu a porta.

— Signore Rizzi — cumprimentou o homem de forma educada, porém não calorosa.

Sob a luz da loja, o inseto percebeu que o visitante era muito bem de vida. Tinha sapatos brilhantes e sua capa era feita da melhor seda. Ao lado dele, Gepeto parecia tão maltrapilho quanto Grilo. Ainda assim, Gepeto sorriu.

— Está tarde. Fechamos às 6h04. — Rizzi pareceu confuso. — Precisamente ao pôr do sol — explicou Gepeto.

Rizzi não deu bola para aquela recepção estranha e não tão educada. Estava acostumado a conseguir o que queria, fosse no horário comercial ou não.

— Bem, sinto incomodá-lo, mas vi que a luz estava acesa e pensei em perguntar mais uma vez... — Era óbvio que não era a primeira vez que

tinham aquela conversa. Rizzi continuou: — Por favor, me venda o relógio cuco com o patinho fofo e o jacarezinho. Seria um presente de casamento para a minha filha.

— Sinto muito, Signore — falou Gepeto, soando cansado —, mas já repeti várias vezes: meus cucos não estão à venda.

Grilo Falante olhou para a parede coberta de relógios. Por que Gepeto fizera tantos senão para vendê-los? Que decisão estranha... e idiota. Pelo visto, Gepeto parecia estar precisando do dinheiro, e tinha relógios de sobra.

Mas não importava a oferta de Rizzi, Gepeto continuava a recusar.

— Eles não têm preço — afirmou.

Rizzi franziu a testa. Não estava acostumado a ouvir não.

— Se não vende relógios, por que tem uma loja?

Grilo assentiu, pensando a mesma coisa.

Gepeto não tinha resposta, então Rizzi foi embora balançando as mãos. Depois que a porta se fechou às costas de Rizzi, Gepeto acariciou a cabeça do gato. Então, voltou-se para os magníficos relógios.

— Eles não entendem, Fígaro — disse, a voz cheia de tristeza. — Eu os fiz para a minha querida Constanza. Ela os amava tanto. — Dando as costas para os relógios, voltou-se para a mesa e pegou o porta-retratos. — Mas não tanto quanto te amava, meu querido.

Grilo observou uma lágrima escorrer pelo rosto do homem.

Por um momento, o cômodo ficou quase silencioso, exceto pelo tique-taque dos pêndulos.

Então, rápida como veio, a tristeza foi embora. Erguendo o pincel, Gepeto voltou mais uma vez sua atenção para a marionete. Com mais um floreio, pintou um sorriso.

— Pronto. — Deu um passo atrás. — O toque final: um sorriso. Para que seja sempre feliz.

Grilo ergueu uma sobrancelha.

Se fosse tão fácil assim.

Gepeto ainda não havia notado a presença de Grilo, de tão concentrado na marionete. Fígaro olhava de cima da mesa, enquanto Cléo, a peixinha dourada de Gepeto, nadava no aquário. Gepeto encarava o boneco e, em seguida, o retrato do menino. Debaixo das sobrancelhas grossas, os olhos passavam de um para o outro.

— Você deveria ter seu próprio nome — disse, enfim. — Como o entalhei a partir de uma pequena tora de pinho, vou te chamar de... — Pausou, como se ensaiasse o nome na mente antes de gritar... — Pinóquio!

Então, sob o olhar das criaturas na loja, o artesão ligou uma caixinha de música. Pegando os fios presos ao corpo de Pinóquio, fez o boneco dançar com ele. Girando e girando pelo cômodo, o som da gargalhada de Gepeto encheu a pequena loja.

Gepeto foi com Pinóquio na direção de Fígaro, que saiu correndo.

— Ah, Fígaro — zombou —, não seja medroso!

Dando as costas para o gato, voltou Pinóquio na direção de Cléo, ansioso para apresentar a ela o novo membro da família. A peixinha nadou contente em seu aquário de vidro. Grilo teve a impressão de que ela piscou para Pinóquio — se é que isso era possível.

A risada de Gepeto diminuiu conforme a música foi desacelerando. Os passos ficaram mais lentos. À mesa, Fígaro bocejou. Estava ficando tarde.

Olhando para a parede de cucos, Gepeto assentiu.

— Ah, sim. Hora de... — Parou de falar e conferiu o relógio de bolso. — Ainda não. Esperem... — Gepeto estacou. Então, de repente, todos ao mesmo tempo, ao dar a hora, os cucos desataram em cantos e gorjeios e grasnados.

Grilo cobriu os ouvidos, mas não adiantou.

O barulho era ensurdecador.

Mas era um show incrível. A parede exibia todo tipo de cenário imaginável: um elefante voador entrava e saía de uma tenda de circo. Uma feiticeira jogava raios em uma princesa ao entrar e sair pela porta. Um caubói desajeitado corria pela rua. Todos diferentes, mas em perfeita sincronia, os relógios badalavam.

Enfim, cessaram.

O barulho foi substituído pelo silêncio.

— Agora — Gepeto falou balançando a cabeça —, está na hora de dormir.

Do lado de fora da loja, o céu havia escurecido. A lua estava alta, e as estrelas apareciam para cuidar do vilarejo adormecido. Cansado mas satisfeito com o dia de trabalho, Gepeto colocou Pinóquio com cuidado sobre a mesa. Pegou a moldura e beijou-a com suavidade.

— Boa noite, meu lindo aniversariante — disse, baixinho.

Devolveu o porta-retratos para o seu lugar e assoprou a vela. Então, pegando Fígaro no colo, aproximou-se do aquário de Cléo. Enfiou o dedo na água e balançou. Para a surpresa de Grilo, a peixinha nadou até o dedo de Gepeto.

— Boa noite, Cléo — disse, diante do carinho. Sorriu, acostumado àquela rotina especial.

Terminados os “boas-noites”, Gepeto desapareceu pela porta dos fundos. Grilo encontrou a voluta de um velho violino e se aninhou nela. Não era uma cama perfeita. Mas era quente, seca e serviria por uma noite. O cômodo escureceu. A única luz que entrava pela janela vinha da lua.

Quando estava quase pegando no sono, Grilo ouviu passos. Abrindo um olho, viu que Gepeto estava de volta. O artesão trajava uma camisa comprida de dormir, e carregava Fígaro debaixo do braço. Atravessou a sala e abriu uma janela do outro lado da loja. Debaixo dela, havia uma cama pequena e simples. Gepeto inalou profundamente o ar fresco.

— Que bela e serena noite — disse. Seu olhar voltou-se para Pinóquio. Sob a luz do luar, o boneco parecia real.

Fígaro pulou do colo do homem para a cama e bocejou outra vez. Gepeto suspirou e foi na direção da cama.

Então, algo chamou a sua atenção.

Era uma estrela reluzindo no céu noturno.

— A Estrela dos Desejos! — gritou Gepeto. — Ora, eu não vejo uma há tanto tempo...

Ele se ajoelhou sobre a cama e se debruçou na janela, como se quisesse se aproximar da estrela. Seu rosto se iluminou, maravilhado, ao observar o céu noturno. A estrela cintilava, ficando cada vez mais brilhante, depois se apagando, como se o cumprimentasse.

— Vou fazer um pedido! — disse. A rima de tantos anos antes lhe surgiu na mente: — Brilha Estrela dos Desejos. Primeira estrela que eu vejo. Eu desejo...

Ele parou de falar, sem saber como pedir aquilo que mais desejava no mundo. As palavras faziam cócegas em sua língua, mas ele não ousava dizê-las. Em vez disso, pronunciou-as apenas em sua cabeça.

Quando terminou, deu um longo suspiro. Sentia-se meio bobo. Fazer pedidos às estrelas era coisa de criança, não de um velho. Mesmo assim, não conseguiu evitar.

Olhou o gatinho sonolento enquanto se ajeitava na cama.

— Sabe o que pedi? Não, se eu contasse, você acharia que estou...

Cuco! Cuco!

Antes que Gepeto pudesse terminar a frase, um dos relógios na parede soou, dando as horas. Gepeto balançou a cabeça. Esse estava um pouco atrasado. Precisaria ajustá-lo... pela manhã. Bocejou. Hora de dormir. Olhando mais uma vez para a Estrela dos Desejos, ele sorriu. Então fechou os olhos. Enquanto caía no sono, ousou imaginar como seria maravilhoso se seu desejo virasse mesmo realidade.

CAPÍTULO DOIS



A lua estava ainda mais alta no céu, banhando a loja de Gepeto com um suave brilho branco. Acomodado na cama, Gepeto roncava baixinho, enquanto Grilo Falante dormia em sua cama improvisada na voluta do violino.

De repente, uma luz azul misteriosa preencheu todo o cômodo. Em uma das prateleiras, uma das caixas de música começou a tocar uma canção tranquila. A Estrela dos Desejos parecia ter se aproximado da loja e agora estava bem próxima à janela. Um raio de luz adentrou a loja e iluminou a fotografia do garoto sobre a mesa de trabalho. O retrato começou a vibrar, virando-se na direção de Pinóquio. Então a luz refletiu no vidro da moldura, acertando Pinóquio bem no peito. Na parede, os cucos pareciam parados no tempo.

O boneco começou a brilhar.

Começou a sacudir.

Então, com um barulho alto, Pinóquio caiu ao chão.

No mesmo instante, a luz desapareceu. A música parou, e os relógios retomaram o tique-taque. O cômodo voltou ao normal.

Acordando e esfregando os olhos, Grilo Falante olhou em volta, confuso. Havia uma barulheira alta. E sua confusão virou surpresa ao ver o impossível.

Pinóquio estava se levantando — sozinho.

Ou, pelo menos, estava tentando. Tinha se enroscado nos fios e não parava de cair.

— Carambolas! — exclamou Grilo. — Ele está vivo!

Sem saber se o que via era real, Grilo abriu seu guarda-chuva e saltou da prateleira. Flutuou bem suave até pousar sobre a mesa, mais próximo de Pinóquio.

— Vamos ver! O que está acontecendo? — Como resposta, o boneco de madeira de um passo à frente.

E, imediatamente, caiu de cara no chão.

— Não é possível, você anda! — gritou Grilo.

— Não é possível, você anda! — repetiu Pinóquio, feito papagaio. A voz dele era jovem e doce, como a de um menininho.

Grilo quase caiu para trás.

— Não acredito. Você fala!

Como era possível?

Pinóquio repetiu, com aquela vozinha, o que Grilo dizia:

— Para tudo. Você sabe falar!

Grilo bateu na testa, frustrado. Aquela conversa estava num beco sem saída.

Então, viu algo de canto de olho. Azul e brilhante. No instante seguinte, a janela se encheu de luz azul, e uma fada entrou voando. Era uma visão de azul da cabeça aos pés.

— Podem relaxar — disse a fada, a voz tilintante como um riacho cheio de pedregulhos. — Cheguei!

Piscando por conta daquela explosão de luz, Grilo ficou sem fôlego.

— Não é possível... — disse. — Uma fada!

Ele já tinha ouvido falar dessas criaturas, mas nunca visto uma de verdade.

A loja humilde de Gepeto era o cenário de não apenas um, mas dois acontecimentos quase impossíveis. Três, contando o grilo que falava.

Os olhos azuis da fada pousaram no inseto, e ela meneou a cabeça, com uma expressão ao mesmo tempo gentil e séria. Ela era de tirar o fôlego, mas também serena, como um céu azul e límpido em um dia perfeito de verão.

— Qual é o problema... — começou ela. E, então, parou ao ver Pinóquio. Assentiu. — Ah, já sei. Você não é real, é?

— Claro que ele é real — disse Grilo, colocando-se em defesa do Pinóquio. — Está vivo, não está?

A fada se virou para o grilo e ergueu uma sobrancelha.

— E quem é você?

Grilo estufou o peito.

— Sou o Grilo Falante — falou com orgulho. — Inseto sofisticado e cosmopolita... — Ele se interrompeu e apertou os olhos. — E você, quem é?

— O bom Gepeto fez um desejo do fundo do coração, e agora estou aqui — disse a fada, curvando-se dramaticamente. — Fada Azul é meu nome — anunciou.

Pinóquio a olhou e repetiu:

— Fada Azul é meu nome.

A Fada Azul balançou a cabeça.

— Não, esse é *meu* nome.

— Não, esse é *meu* nome — insistiu Pinóquio.

A Fada Azul estava prestes a protestar, mas desistiu.

— Ah, entendi qual é o problema.

Ergueu a varinha e tocou a cabeça de Pinóquio. Uma luz azul saiu da ponta do bastão e atravessou o boneco. Quando terminou, a Fada Azul se apresentou outra vez.

Dessa vez, Pinóquio não repetiu. Em vez disso:

— Olá, Fada Azul — cumprimentou com educação. Era como se já estivesse acostumado a ter conversas havia anos, e não que tivesse aprendido naquela fração de segundo.

Satisfeita, a Fada Azul insistiu:

— Qual o seu nome?

O boneco olhou-a confuso.

— Não sei. — E deu de ombros.

— Ouvi Gepeto chamá-lo de Pinóquio — disse Grilo.

Pinóquio assentiu alegremente, contente e orgulhoso com seu nome próprio. A Fada Azul sorriu de volta para o garoto de madeira. Então tocou a cabeça dele com a varinha mais uma vez.

— Bem, parece que sua cabeça é mesmo feita de pinho-branco. Por isso, Pinóquio. O nome perfeito para um menino de madeira. — Ela virou-se para Gepeto. O homem ainda roncava, alheio por completo à magia que se desenrolava bem diante de seu nariz. — Suponho que ele seja o artesão? — perguntou para Grilo.

O inseto assentiu.

— Se Gepeto queria um menino de verdade, por que fez uma marionete? — questionou a Fada Azul. Ela tinha sido responsável pela realização de

muitos desejos, mas este tinha uma pedra no meio do caminho. Ela não sabia como consertar a situação... por ora.

Grilo deu de ombros.

— Acho que era o melhor que ele podia fazer com as ferramentas disponíveis. — Seus olhos pousaram na moldura. — Mas tenho a impressão de que estava pensando num menino de verdade.

Seguindo seu olhar, a Fada Azul flutuou até o retrato e inspecionou a imagem. Seus olhos se suavizaram, compreendendo tudo imediatamente. Um arco-íris de emoções perpassou seu rosto: luto, dor, saudade. Ela tocou o porta-retratos com sua varinha, e pó de fada se espalhou sobre a imagem.

— Senhorita Fada Azul, eu sou de verdade? — quis saber Pinóquio.

Notando a esperança — e a preocupação — estampadas no rosto de Pinóquio, a Fada Azul percebeu que precisava deixar as coisas às claras. Com um gesto da varinha, encolheu-se, passando do tamanho de um humano para o de um boneco. Cara a cara com Pinóquio, ela enfim respondeu:

— Sim, você é de verdade. Você é real, mas é uma marionete, pintada para parecer um menino de verdade. *Quase* o que seu pai desejou.

Pinóquio olhava da fada para Gepeto, ainda adormecido.

— Então quando vou me tornar um menino de verdade? — perguntou preocupado. — Porque me parece que é isso que vai deixar meu pai feliz.

Grilo, que ouvira tudo com uma mistura de interesse e confusão, balançou a cabeça. Algo estava errado.

— Ainda não estou entendendo o que raios está acontecendo aqui — disse por fim.

A Fada Azul sacudiu a cabeça. Ela também ainda não tinha compreendido por completo. Explicou que quando Gepeto fizera o desejo, algo não ficou claro, não tinha sentido. O principal tinha sido concedido: Pinóquio ganhara vida. Mas se tornar real? Isso era outra história.

A Fada Azul levantou a varinha sobre a cabeça de Pinóquio. As cordinhas de marionete desapareceram.

— Para se tornar um menino de verdade, você precisa provar que é valente, sincero e generoso — explicou.

Pinóquio fez cara de perdido.

— E como faço isso? — quis saber.

— Aprendendo a distinguir entre o certo o errado — respondeu a Fada Azul.

— Mas como? — repetiu Pinóquio.

A Fada Azul suprimiu um suspiro. A situação estava ficando cada vez mais complicada.

— Sua consciência lhe dirá.

Pinóquio testou a palavra desconhecida.

— Com ciência? Quem é essa? — perguntou, bastante confuso.

Grilo resmungou. Começou a se questionar se o menino era feito de madeira oca, pois sua cabeça certamente era.

— “Consciência.” Substantivo! Singular! Aquela vozinha que a maioria das pessoas se recusa a escutar — explicou. Saltou sobre uma embalagem de sabão e continuou a falar sobre como as pessoas não davam bola para a consciência naqueles dias.

— Você é minha consciência? — interrompeu-o Pinóquio.

A pergunta pegou Grilo Falante de surpresa. Ele balançou a cabeça. Era um inseto, não um instinto.

Os olhos da fada brilharam ao ouvir o protesto de Grilo.

— Você *gostaria* de ser?

O grilo recusou a oferta. Ele tinha lugares para ir, embora não soubesse quais. Depois, com certeza tinha pessoas para visitar, embora não soubesse quem. Aceitar o trabalho de ser a consciência de Pinóquio com certeza atrapalharia sua agenda vazia. Não estava pronto para esse tipo de compromisso.

A Fada Azul insistiu:

— Sabe a diferença entre certo e errado?

— Pode apostar que sim! — disse Grilo Falante, ofendido com a pergunta. Poderia ser uma alma perdida e um andarilho, e pode até ter sido expulso de lugares um par de vezes, mas tinha a cabeça em cima das asas.

— Sou um inseto de altos padrões morais... não importa o que tenha ouvido.

— Então, está decidido — concluiu a Fada Azul com um aceno de cabeça satisfeito. — Ajoelhe-se, sr. Grilo. — Grilo Falante abaixou-se enquanto ela sacudia a varinha sobre ele, cobrindo-o de pó azul. Nomeou o grilo como consciência temporária de Pinóquio até que o boneco adquirisse consciência própria. — De agora em diante, você será o detentor do conhecimento do certo e do errado e conselheiro fiel nos momentos de tentação. — Ela finalizou com um floreio. Balançando de novo a varinha, transformou as roupas surradas de Grilo em uma vestimenta engomada.

Olhando para os dois, a Fada Azul assentiu. Tinha feito o que podia. Agora tudo estava nas mãos de Pinóquio, ajudado por Grilo Falante.

— Deixe seu pai orgulhoso — aconselhou a fada ao flutuar em direção à janela. — É tudo o que os pais *realmente* querem.

Grilo Falante notou confusão no rosto de Pinóquio. O bonequinho não sabia o que significava *orgulhoso*.

— É uma sensação no peito — explicou —, como se seu coração ficasse maior.

Com as palavras de despedida, a Fada Azul flutuou para fora pela janela. A luz azul foi diminuindo até que o cômodo voltasse a ficar banhado apenas pela luz da lua. Pinóquio e Grilo ficaram parados, sem saber o que iria acontecer em seguida.

CAPÍTULO TRÊS



Não demorou para descobrirem. O que acordou Gepeto não foi o barulhão da queda de Pinóquio, nem o ruído de suas tentativas de ficar de pé, nem a longa conversa com a Fada Azul: foi o clique suave da janela se fechando atrás da fada.

— O que foi isso? — disse ele, pulando da cama com a agilidade de um rapaz. Rapidamente, acendeu uma vela.

Conforme seus olhos se acostumavam com a luz, ele espiava em volta em busca de algo fora do lugar. Mas tudo parecia nos conformes. Os relógios na parede. Os brinquedos no lugar de sempre.

Todos eles, menos Pinóquio.

Pinóquio estava de pé. Sem as cordinhas.

Abria bem os braços, como se à espera de um abraço.

— Sou eu! — gritou.

Gepeto fez o que qualquer pessoa de pijama faria se um boneco de madeira começasse a falar: berrou. Fígaro também deu um ganido, assustando-o ainda mais. O artesão trombou com a parede, disparando todos os cucos. O barulho foi ensurdecedor. Felizmente, pararam logo.

— E-eu quem? — perguntou Gepeto. Suas mãos estavam tremendo, de forma que a luz da vela pululava pela sala.

— Sou eu — repetiu Pinóquio, dessa vez falando debaixo da mesa, onde havia se escondido. — Pinóquio! Olá, papai!

Gepeto deu outro berro.

— *Você fala! Está falando!* — disse, e então gritou de novo, para garantir.

Pinóquio não entendia por que isso era tão surpreendente. Ele assentiu.

— Sim. E sei andar também! — acrescentou, movendo-se sem jeito.

O olhar de Gepeto o seguiu, e a boca dele se abriu, enquanto tentava entender.

— A Fada Azul — explicou Pinóquio depois que Gepeto perguntou como aquilo era possível. — Ela disse que você desejou.

As sobrancelhas grossas de Gepeto se aproximaram. Um desejo? Sim, ele fizera um desejo para a Estrela dos Desejos, mas não era possível que aquilo se tornara realidade... Era? — Eu desejei por...

— Eu sei... Um menino de verdade! — disse Pinóquio, completando o pensamento de Gepeto. — Mas adivinha? Sou *quase* um menino de verdade! Posso fazer isso acontecer. Eu só tenho que... — A voz dele desapareceu. Não conseguia se lembrar do que precisava fazer.

Mas Gepeto não pareceu se importar. O cenho franzido se relaxou e foi substituído por um sorriso enorme quando todas as dúvidas e medos desvaneceram. No lugar deles, surgiram empolgação e alegria. Pegou Pinóquio, jogou-o no ar e depois o pegou de volta, abraçando-o. Movendo-se rapidamente, Gepeto ligou várias caixinhas de música. O som preencheu o ar, criando uma orquestra de caixinhas.

Com a música animada, Gepeto e Pinóquio dançaram. Bem, Gepeto dançou. Pinóquio girava e caía, ainda se acostumando com braços e pernas.

— Precisamos celebrar esta noite maravilhosa! — disse Gepeto, batendo palmas e olhando para Pinóquio como se ainda não pudesse acreditar naquilo tudo. A presença do garoto mudava a energia da loja. Ao ver Cléo nadando para cima e para baixo, gritou: — Olha! Cléo está tão feliz que até dança!

Para a surpresa de Gepeto, Pinóquio foi na direção do aquário e então, antes que Gepeto pudesse impedir, enfiou a cabeça na água, que transbordou e molhou todo o chão.

No mesmo instante, o sorriso sumiu do rosto de Gepeto. Arrancando Pinóquio dali, balançou a cabeça.

— Isso é água! — disse, tentando acalmar o coração. — Você pode se afogar.

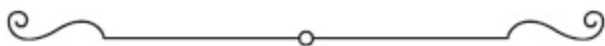
— O que é “afogar”? — perguntou Pinóquio, cuspidando água feito um chafariz. Observando a água formar um arco no ar, deu risada, sem entender o medo de Gepeto.

— É quando você se afunda até... — Gepeto começou a explicar e então parou, encarando o boneco de madeira. Seus olhos se arregalaram. Então o

sorriso reapareceu. — Um minuto! Você é feito de madeira! Você não afunda!

O alívio tomou conta do coração de Gepeto, que voltou a dançar. Jogou a cabeça para trás, e sua gargalhada se uniu à risadinha de Pinóquio, e os dois, que agora eram uma família, dançaram e cantaram noite afora.

Do alto da prateleira, Grilo Falante observava o par, ao lado do gatinho. Até Cléo rodopiava no aquário alegremente. Grilo sorriu. Dava para ver que aquele seria um lar repleto de amor. Se a vida era assim, pensou Grilo com alegria, ser a consciência de Pinóquio seria um bico moleza.



A rotina logo se instalou. Gepeto não queria que o boneco saísse de suas vistas, então o fazia acompanhá-lo em todas as atividades da casa e da loja. Juntos, liam histórias e trabalhavam. Enquanto Gepeto entalhava, Pinóquio observava, ansioso por aprender tudo sobre o pai. Por sua vez, Gepeto observava, assombrado, como Pinóquio usava suas habilidades especiais de boneco para fazer tarefas: para esfregar o chão, colocava esponjas nos pés e, girando, movia-se pelo cômodo. Ou torcia as roupas num instante com o girar das mãos. Cada manhã trazia a promessa de momentos divertidos juntos. Cada noite terminava com uma história de dormir, antes de Gepeto aconchegar Pinóquio em sua minúscula cama adaptada pelo artesão a partir da gaveta da mesa de cabeceira.

Mas uma coisa nunca faziam.

Sair da loja.

Gepeto não estava pronto para mostrar a Pinóquio mais do que podiam enxergar pela janela. Havia perigos demais; muitas coisas que poderiam dar errado. Então se sentavam e observavam a vida acontecendo sem deixar a segurança da loja. Mas Pinóquio, embora feito de madeira, era como uma criança em muitos aspectos. Sua curiosidade era infinita.

Gepeto sabia que era apenas uma questão de tempo até ter que expô-lo a mais maravilhas da vida. Decidiu começar com coisas pequenas: uma observação aqui e ali.

— São chamados de pássaros — disse Gepeto certa manhã, apontando para uma revoada de pombos. — Sabem voar.

— Voar? — repetiu Pinóquio, inclinando a cabeça para ver as asas das criaturas movendo-se para cima e para baixo. Ele bateu os braços também

e, antes que Gepeto se desse conta, saltou pela janela. Gepeto o agarrou pelos tornozelos antes que se esborrachasse no chão.

— Não, Pinóquio — disse, com o coração disparado. — Apenas os pássaros voam.

Então, uma fileira de estudantes passou diante da janela. Cada um segurando uma parte de uma corda que os conectava a uma professora com cara de cansada. Os olhos de Pinóquio se arregalaram, e a ideia de voar foi esquecida assim que avistou essas outras criaturas.

— E o que são esses, papai?

Gepeto sorriu.

— São crianças indo para a escola.

— O que é escola?

— Escola é onde as crianças vão para aprender as coisas — explicou Gepeto, sem entrar em detalhes. Estava mesmo deixando Pinóquio superprotegido. Mas o que mais poderia fazer? Não podia perdê-lo... não depois de já ter perdido tanto.

Pinóquio continuou olhando para as crianças, que seguiram pela rua e desapareceram na esquina.

— Que coisas? — Pinóquio pressionou o pai.

— Ah, todo tipo de coisas — respondeu Gepeto. — Aprendem tudo na escola.

— Aprendem a ser reais? — A voz de Pinóquio demonstrava um desejo. — Posso ir para a escola, papai?

Gepeto mordeu os lábios. Era isso que temia que acontecesse ao mostrar mais do mundo para Pinóquio. Estavam bem na sua própria bolha. Seguros. Protegidos. Gepeto estava desesperado para manter as coisas assim.

Mas agora Pinóquio queria mais.

— A escola é para... para meninos e meninas de verdade. Não para bonecos. — Gepeto tentou explicar da forma mais gentil possível, mas mesmo assim Pinóquio ficou triste.

— Mas eu quero muito ir! Um dia, eu vou ser um menino de verdade! Talvez, se eu for para a escola, será mais rápido.

Gepeto negou com a cabeça.

— Vamos ter que esperar — disse. Então, ao ver a decepção do boneco, acrescentou: — Além disso, eu posso lhe ensinar tudo de que precisa saber.

CAPÍTULO QUATRO



Gepetto logo percebeu que não seria capaz de ensinar *tudo* que Pinóquio precisaria aprender. Era muita coisa. O menino de madeira não sabia nada sobre o mundo, muito menos de matemática, ciências e leitura. Para ele, tudo era novidade. Tudo era aprendizado. E embora Gepeto se esforçasse ao máximo, havia coisas que não conseguia ensinar. Claro, poderia ensiná-lo a não colocar a mão no fogo e a somar dois mais dois, mas uma criança precisa aprender mais. Sem sair de casa e tendo apenas a companhia de Gepeto e um grilo falante, Pinóquio não aprenderia, entre outras coisas, a fazer amigos nem a praticar esportes.

Gepeto via o olhar de Pinóquio acompanhar os estudantes todos os dias, na hora em que passavam para ir à escola. Pinóquio olhava, ávido, com a cabeça inclinada, conforme escutava o riso solto das crianças. Arregalou os olhos quando viu um deles jogar uma bola a outro, e batia palmas alegres quando cantavam.

Sim, Gepeto não era capaz de ensinar algumas coisas.

Então, tomou uma decisão difícil.

Foi bem depois do toque dos cucos indicando a hora de dormir. Gepeto e Pinóquio estavam deitados, mas nenhum dos dois estava adormecido, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

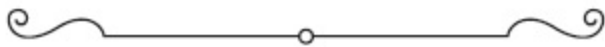
— Sabe, Pinóquio? Andei pensando — disse Gepeto, baixinho.

Virando de lado, Pinóquio ergueu a cabeça, curioso.

Gepeto respirou fundo. Não haveria volta após pronunciar aquelas palavras. Abriu a boca e voltou a fechá-la, inseguro. Mas então viu o olhar esperançoso de Pinóquio. Precisava fazer aquilo; era o certo.

— Acho que, talvez — disse, enfim —, seja hora de você ir para a escola.

O rosto de Pinóquio se iluminou. Ele saltou da cama.
— Sério, papai? Sério? Quando? Quando eu vou?
— Amanhã cedo. — Foi a resposta de Gepeto.
— Que incrível, papai! — disse Pinóquio, apertando as mãos de emoção.
— Prometo que darei o meu máximo... vou aprender tudo!
Gepeto sorriu. Tinha sido a decisão certa.
— Vou ficar muito orgulhoso — disse, acolhedor.
Inclinando-se, soprou a vela ao lado da cama. A luz da lua inundou o cômodo. Ele ouviu Pinóquio pegar no sono conforme sentia os olhos cada vez mais pesados. Quanto tudo havia mudado desde a noite do pedido. E o dia seguinte traria uma nova aventura.



Pinóquio acordara antes de o sol nascer, ansioso para que o dia começasse logo. Agora, saía correndo da loja em direção à calçada em frente, com os olhos apertados por conta da claridade. Ele virou a cabeça para a direita e para a esquerda, devorando o mundo ao redor. Olhou para aquela bola gigante de luz no céu. Antes disso, só havia sentido os raios de sol pela janela.

— Pai, o que é aquela coisa brilhante? — perguntou, apontando.

Gepeto seguiu o olhar do filho e sentiu uma pontada de culpa. Tinha impedido Pinóquio de conhecer tantas coisas da vida. Só tinha permitido excursões ocasionais ao quintal dos fundos, à noite, limitando muito aquilo que ele poderia ver. Mas tudo isso iria mudar.

— É o sol, meu filho.

E então, virando a esquina, apareceu a professora, Signora Vitelli, segurando a famosa corda na qual todos os estudantes se agarravam. Ao ver Gepeto, sorriu.

— Que bom vê-lo tomando um sol — disse ela.

— Sim, bem — respondeu Gepeto, sem saber como continuar a conversa. — Eu ando, você sabe, ocupado.

Uma expressão compreensiva atravessou o rosto da professora. Ela sabia quanto Gepeto tinha perdido, mas era hora de seguir em frente.

— Não pode ficar fechado aí para sempre — disse com uma voz gentil, porém firme. O mesmo tom que usava para os estudantes teimosos. — Saia, divirta-se. É hora de começar a viver. — Ao se virar para ir embora, viu

Pinóquio e levou um susto. — Ai, meu Deus! — exclamou, aproximando-se para ver melhor. — É um boneco vivo? Sem cordões?

Gepeto, contente com a mudança de assunto, assentiu.

— Sim, este é o meu Pinóquio — explicou. — Ele não é incrível? Gostaria que fizesse a gentileza de aceitá-lo na escola.

Signora Vitelli olhou de um para o outro, sem saber o que dizer. Gepeto era um bom homem, com a cabeça no lugar, mas um boneco vivo era meio assustador. E mandá-lo para a escola? Signora Vitelli sacudiu a cabeça, perplexa. Talvez lidar com a perda do filho e da esposa estivesse mais difícil para Gepeto do que ela tinha imaginado.

— Algum problema? — perguntou o homem, notando a hesitação dela.

— Bem — argumentou a professora, gesticulando para Pinóquio e se sentindo mal por apontar o óbvio —, ele é um boneco.

Gepeto negou com a cabeça.

— Tecnicamente, é uma marionete... Uma marionete muito esperta. E muito bem-comportada. Só não o deixe chegar perto do fogo.

A mulher segurou um sorriso.

— Deixamos *todas* as crianças longe do fogo, Gepeto. — Seus olhos provocavam, mas sua voz era gentil. Gepeto estava preocupado de verdade. Era bonito.... Embora ela ainda não tivesse uma opinião definida sobre a marionete falante. Então, Pinóquio fez uma reverência.

— Como vai, Signora? — falou, muito educado.

Pronto. A professora adorava boas maneiras, e este menininho — de verdade ou não — tinha as melhores.

— Muito bem, Pinóquio! — disse ela. — Venha! Não podemos nos atrasar.

Pinóquio nem hesitou. Sem olhar para trás, foi embora com Signora Vitelli. Observando-o, Gepeto entrou em pânico.

— Esperem!

Pinóquio parou, virou e correu de volta. Gepeto pegou uma maçã do bolso.

— É para a professora — explicou. — E sua apostila.

Entregou o livro para Pinóquio e então olhou para ele com os olhos cheios de emoção. Pegou as mãos do menino com força. Sabia que precisava deixá-lo ir, mas, mesmo assim, tinha tanto a falar... Tanto a pensar.

Mas, acima de tudo, queria que Pinóquio ficasse a salvo.

— Lembre-se: estarei aqui te esperando. Há muitos anos que não saio por aí, mas me recordo de que as ruas são tortuosas e confusas. Preste atenção para não se perder.

Pinóquio assentiu.

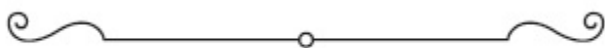
— Vou voltar direto para casa, depois da escola.

Relutante, Gepeto largou a mão de Pinóquio, que partiu correndo para alcançar os colegas. Observou Pinóquio pegar a ponta da corda, como se já o fizesse há anos.

Gepeto sorriu, contente por ver o filho feliz, mas triste pela despedida. Voltava à loja quando uma gaivota pousou no toldo, cumprimentando-o com um grasnado simpático.

— Bom dia, Sofia — disse ele. — Deixei um lixo muito gostoso para você. — Com um aceno, entrou e fechou a porta.

Pelo menos algumas coisas nunca mudavam, pensou, ao sentar-se à mesa de trabalho.



Para Pinóquio, porém, tudo parecia mudar. Ainda não podia acreditar que seu pai tinha concordado em deixá-lo ir para a escola. A escola! Com meninos e meninas de verdade! Tinha que admitir que temeu que seu pai mudasse de ideia. Mas lá estava ele, segurando a corda de Signora Vitelli — a caminho da escola! Se não estivesse tão focado na fila, teria dado uma dançadinha. Com a maior expectativa, e os olhos fixos na criança à sua frente, suspirou, contente.

CAPÍTULO CINCO



Grilo acordou de supetão. Bocejando, ele se espreguiçou e piscou para espantar o sono. Era tão bom dormir até mais tarde, sem acordar com Pinóquio tagarelando.

Espera!

Grilo sentou-se rápido.

Por que Pinóquio não estava tagarelando?

Olhando em volta da loja, Grilo entrou em pânico. Nem sinal de Pinóquio.

Gepeto estava à mesa de trabalho, com o olhar perdido. Então, sorriu, levantou-se, espreguiçou-se e andou até Fígaro. Acariciou a cabecinha do gato, que soltou um miado tristonho.

— Ah, está com saudade dele? — disse Gepeto. — Eu também. Mas ir para a escola vai ser bom pra ele.

Os olhos de Grilo Falante se arregalaram.

Escola?

Pinóquio!

Que bela consciência ele estava se mostrando ser. Era o primeiro dia de trabalho de verdade — um dia em que a consciência seria muito necessária —, e acordara atrasado! Saindo porta afora, deu de cara com uma gaivota. O pássaro começou a grasnar na hora, aumentando a sensação de pânico do inseto.

— Não me coma! — implorou, protegendo a cabeça com as mãos, como se isso fosse impedir o pássaro.

— Calminha — disse o pássaro. — Não gosto de insetos. Dá muito trabalho. Prefiro lixo.

Grilo abaixou as mãos.

— Ufa. Que alívio. Me chamo Grilo. Grilo Falante.

— Prazer — respondeu o pássaro. — Meu nome é Sofia. Então, é novo por aqui? É uma boa cidadezinha...

Pedindo perdão, Grilo a interrompeu:

— Sou a consciência de Pinóquio e dormi demais. Pode me fazer um enorme favor e me levar voando até a escola?

Sofia bicou o lixo.

E continuou bicando.

Grilo observava, mais impaciente a cada bicada.

— Quem diria que agora se terceiriza consciência? No meu tempo....

Outra vez, Grilo a interrompeu. Precisava encontrar Pinóquio logo. E embora Sofia parecesse muito legal, não havia tempo para bater papo enquanto uma jovem e inocente marionete perambulava pelas ruas.

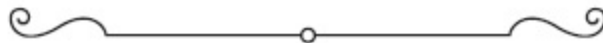
— Dá para imaginar a confusão em que ele pode se meter?

Sofia assentiu.

— Não quero esse peso na *minha* consciência — admitiu ela.

Pegando-o pelo colarinho do casaco, ela bateu as asas. Em pouco tempo, estavam em pleno voo.

Grilo segurou o chapéu com firmeza e fechou os olhos. Nunca foi muito fã de altura. Mas ao menos ficava mais perto de Pinóquio a cada bater das asas. Com sorte, Pinóquio não arranjaría problemas até a chegada de Grilo.



A *piazza* do vilarejo estava cheia de gente. Compradores pechinchavam com vendedores, enquanto outras pessoas apenas passeavam, aproveitando o sol para começar o dia devagar. No meio da praça, uma fonte enorme borbulhava, e a água brilhante escorria da estátua até o laguinho abaixo. Um grupo de estudantes correu ao lado da fonte, a risada tão borbulhante quanto a água.

Um par de golpistas maltrapilhos passeava também. Analisaram o local, pousando os olhos por mais tempo que o suficiente em algumas lojas. Observavam a multidão, reparando nos bem-vestidos com mais curiosidade do que o necessário. Eram João Honesto e Gideão. E sua presença significava problemas.

João Honesto, uma raposa, era um vigarista profissional cujo sorriso cativante trazia um vestígio de maldade. Mesmo apenas caminhando e balançando sua bengala, estava em busca de uma oportunidade de aplicar um golpe. Em suma, João Honesto honestamente só ligava para uma única coisa: ele mesmo.

Enquanto João Honesto tinha feito da trapaça sua profissão por vontade própria, Gideão, o gato, foi parar nesse negócio por acaso. Era só um maria-vai-com-as-outras. Balançando a bolsinha que sempre carregava consigo, Gideão seguia em silêncio ao lado de João Honesto.

A raposa não parava de falar, mas Gideão era um gato de poucas palavras: de nenhuma palavra, na verdade. Não via sentido em falar, pois João Honesto compensava por ele. Mesmo quando deveriam manter a discrição, a raposa falava na velocidade de um raio.

— Ora, ora, ora — disse João Honesto, com os olhos esquivos arregalando-se diante de um cartaz que mostrava um homem enorme rodeado de marionetes, acompanhado de uma lista de horários. — Stromboli! Então esse velho pilantra voltou para a cidade. — Soltou uma risada que assustou os transeuntes. — Gideão, lembra a vez que amarrei cordões em você e fingimos que era uma marionete?

Gideão não respondeu, é claro. Mas lembrava, sim. Também se lembrava de como Stromboli ficou chateado ao descobrir. Sua bochecha ardia só de lembrar. Ouvindo risos, os dois malandros se viraram. Um grupo de estudantes atravessava a praça. Seguravam uma corda comprida, seguindo uma mulher impecável.

— Aaah, escola — comentou João Honesto. — Uma nobre instituição. O que seria deste mundo estúpido sem ela?

Gideão ergueu uma sobrancelha. João Honesto não frequentou a escola por nem um dia na vida. O que ele sabia dessa “instituição”? Mas Gideão tinha aprendido que era melhor deixar o companheiro falar.

Continuavam a observar o desfile de crianças quando Pinóquio entrou na linha de visão dos dois. Ele era todo sorriso, os olhos reluzindo de animação enquanto caminhava pela rua de paralelepípedos. Os pés de madeira ecoavam nas pedras, e João Honesto não podia acreditar nos próprios olhos.

— Veja só, um menino de madeira! — Segurando a mão de Gideão, obrigou-o a olhar de perto. — Espantoso! Um boneco vivo sem cordões!

Os dois ficaram olhando Pinóquio seguir seu caminho. O boneco olhava tudo de olhos arregalados: a fonte, as árvores, um cavaleiro carregando

lenha. Ao se deparar com uma pilha de esterco na calçada, o menino foi tomado pela curiosidade. Largando a corda, ficou olhando para baixo, hipnotizado.

João Honesto observava tudo, e a engrenagem de sua mente trapaceira começou a girar. Nunca tinha visto uma coisa dessas. As pessoas pagariam uma fortuna para ver um boneco sem cordões. Os olhos voltaram-se para o cartaz de Stromboli. Ele daria *mais* do que uma fortuna para acrescentar o menino de madeira à sua coleção... Uma fortuna que João Honesto embolsaria de bom grado.

— Rápido! — gritou para Gideão. — Vamos interceptá-lo.

A dupla se encaminhou para uma rua paralela. Estacaram bruscamente, sem fôlego, escondidos no beco estreito. Espiando, viram Pinóquio ainda encarando o esterco.

— Mal posso esperar para chegar na escola e aprender o que é tudo isso... — Parou de falar ao ver as crianças seguindo em frente sem ele. Tinha ficado para trás e precisava alcançá-los!

Observando, João Honesto sorriu, maldoso. Era exatamente o que queria. Esperou o menino passar na frente do beco e, então, com um giro do punho, colocou a bengala no caminho. Soltando um grito, Pinóquio caiu ao chão.

— Ora, ora — disse João Honesto, acudindo. Estampou uma expressão preocupada no rosto, como se o ocorrido não tivesse sido obra sua. Levantando Pinóquio, João Honesto e Gideão o espanaram. Gideão fez tudo isso em silêncio, é claro, enquanto João Honesto não parava de falar: — Sinto muito. Espero que não tenha se ferido.

— Ferido? — repetiu Pinóquio. Nunca tinha ouvido essa palavra antes.

João Honesto levou a mão ao coração e, com um gestual dramático, explicou:

— Avariado, quebrado, irreparavelmente trincado, sem conserto!

Pinóquio olhou para os braços e pernas. Então deu de ombros.

— Não estou quebrado — disse. Gideão fingiu conferir os membros de Pinóquio. O gato ardiloso procurava bolsos dos quais pudesse roubar algo.

João Honesto recolheu a maçã e o livro do chão. Deu uma mordida na fruta e folheou o livro.

— Bem, é um homem letrado. Presumo que esteja indo dar uma palestra na academia de ciências. — João Honesto sabia que inflar o ego de uma pessoa costumava deixá-la mais receptiva a propostas.

— Não — disse Pinóquio, sacudindo a cabeça. — Estou indo para a escola aprender muitas coisas e assim me tornar um menino de verdade e deixar meu pai orgulhoso! — A voz dele ficava mais alta conforme a excitação crescia diante da lembrança de como aquele dia era importante.

João Honesto parecia chocado. Para ele, a ideia era absurda, mas a inocência do garoto ajudaria no serviço.

— Um menino de verdade? — falou um instante depois. — Por que você quer ser de verdade se pode ser... famoso?

Diante da palavra desconhecida, Pinóquio fez novamente a cara confusa.

— Luzes! Música! Aplausos! Sabia que muitos dizem que você não é real de fato até que todos saibam quem você é? — João Honesto pausou para Pinóquio captar a mensagem. Era uma importante lição de vida, afinal. — Ora, ser famoso *é* ser real! Até lá, você é um zé-ninguém.

Pinóquio ficou inquieto. Era verdade que não gostava da ideia de ser um zé-ninguém. E *queria* ser real. João Honesto parecia estar querendo dizer que, para se tornar real, precisava ser alguém famoso. Que confuso.

— Mas meu pai disse que tenho que ir para a escola — falou, por fim, baixinho.

— Claro que disse. Todos os pais dizem isso — retrucou João Honesto de imediato. Então respirou fundo, de maneira exagerada. Colocando a mão sobre o ombro de Pinóquio, olhou-o nos olhos. — Quem precisa de educação quando se tem esse carisma, esse perfil, esse físico? — Olhou para seu parceiro de crimes. — Certo, Gideão? Um ator. Um artista. Não, um influenciador. E será que seu pai não vai ficar orgulhoso?

Gideão assentiu sem dizer nada.

Pinóquio, por outro lado, estava intrigado. João Honesto disse que Gepeto ficaria orgulhoso.

Percebendo que havia fisgado o garoto, João Honesto começou a puxar a linha.

— Diga, qual é o seu nome?

— Pinóquio — respondeu o boneco.

João Honesto o repetiu, depois tentou, sem sucesso, soletrá-lo. Sacudiu a cabeça.

— Letras demais. Precisamos de um nome artístico simples e forte. Laje de Carvalho? Carlos Tronco? — Não funcionaria. Estavam perdendo tempo. João Honesto precisava que Pinóquio, seja lá como se escrevesse o

nome, fosse pescado. — Quer deixar seu pai orgulhoso ou não? — disse, enfim, consciente de que esse era o modo de conquistá-lo.

— Claro que quero — respondeu Pinóquio, sem hesitar. — Eu serei famoso!

João Honesto bateu palmas, deliciando-se com sua maldade. Aquele fora um dos golpes mais fáceis de sua vida. Era como tirar doce de criança. Bem, no caso, tirar doce de um menino de madeira. Mesmo assim, que felicidade. Ele ficaria rico!

CAPÍTULO

SEIS



Voando alto no céu, bem acima do vilarejo, ainda agarrado ao bico de Sofia, Grilo examinava o chão. Não via Pinóquio em lugar algum. O pássaro desviou de uma casa, e Grilo fechou os olhos e gritou, aflito.

Quando os reabriu, soltou outro grito, mas dessa vez de alegria: lá estava Pinóquio.

Mas Grilo ficou confuso.

O menino não estava na escola.

Não estava nem com outras crianças.

Em vez disso, desfilava pela rua com dois tipos suspeitos. Um parecia ser uma raposa; o outro, um gato. Aquilo não era nada bom. Grilo deixara Pinóquio sozinho por tão pouco tempo, e ele já tinha sido aliciado pela ralé.

Grilo alertou Sofia sobre a localização de Pinóquio. Ela mergulhou diretamente acima do trio. Quando estava próxima, mas nem tanto, abriu o bico e largou Grilo. O inseto caiu como uma pedra. Por alguns segundos assustadores, ele despencou. Então, com um *pop*, abriu seu guarda-chuva e, no último instante, foi capaz de realizar um pouso perfeito, bem em cima do chapéu de João Honesto. Soltou um assobio alto.

Pinóquio olhou para cima.

— Grilo? — falou ao ver o inseto. — O que está fazendo aí em cima?

João Honesto se virou, tentando ver com quem — ou o quê — Pinóquio conversava. Mas não conseguiu, pois Grilo estava firme em seu chapéu. Embora a raposa não pudesse vê-lo, Gideão o via. O gato pegou um martelinho e o ergueu bem alto, com os olhos fixos no grilo.

Grilo viu o martelo. Com um estrilo, ele pulou. *Bam!* Houve um golpe forte de martelo, que não acertou o grilo, e sim a cabeça de João Honesto,

que caiu desmaiado. Gideão olhou do companheiro abatido para o martelo em sua mão. João Honesto não ficaria contente ao acordar. Então, ele fez a única coisa que fazia sentido: enfiou o martelo na mão de Pinóquio e saiu correndo silenciosamente, desaparecendo pelos becos.

Pinóquio o observou ir embora e deu de ombros. Olhando para sua consciência, que tinha se empoleirado em seu ombro, Pinóquio sorriu.

— Adivinha só! — disse. — Não tenho que ir para a escola! Vou ser famoso! Então me tornarei mais de verdade ainda, e papai ficará orgulhoso.

Grilo Falante fez uma careta. Podia ver que Pinóquio estava feliz, mas também sabia que seu amiguinho tinha sido enganado.

— Calminha. — Grilo tentou retomar o controle da situação. — Lembre-se do que eu disse sobre a tentação. — Apontou para a raposa desacordada no chão. — Bem, é isso aí.

Pinóquio sacudiu a cabeça, interpretando tudo errado.

— Não, este é o senhor João Honesto.

Grilo suspirou. Pobre Pinóquio. Que rapazinho doce e inocente. Que bom que o tinha como consciência.

— Pinóquio — disse com gentileza —, como regra, quando alguém se intitula Honesto, costuma ser mentira. Escuta: vamos usar a cabeça, esquecer essa história de ser famoso e ir para a escola. É isso o que seu pai quer.

Olhou feio para a raposa adormecida. Como ousava mexer com a cabecinha do boneco? Que coisa feia.

Seguindo o olhar de Grilo, Pinóquio ficou chateado. Estava confuso. João Honesto tinha lhe dito uma coisa, e agora Grilo Falante dizia outra. João Honesto dizia que era honesto, e Grilo dizia que alguém que se dizia honesto não era. No que — em quem — deveria acreditar?

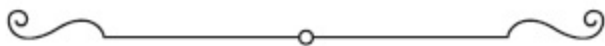
Grilo percebeu que Pinóquio ainda não tinha se decidido. Lembrou o boneco de que a Fada Azul tinha lhe dado o posto de consciência de Pinóquio. Isso deveria valer de alguma coisa.

Pinóquio respirou fundo e assentiu. Grilo tinha razão. Era a ele a quem deveria dar ouvidos. Tinha sido enganado por João Honesto e Gideão. Mas isso não significava que não poderia consertar tudo.

— Quero ir para a escola! — declarou.

— Agora sim! — disse Grilo. Apontando para a rua, acrescentou: — A escola é por ali.

Com um aceno feliz, Pinóquio pôs-se a caminhar. Estava de volta ao caminho certo.



O problema era que, enquanto Gepeto e Grilo — e até mesmo João Honesto e Gideão — não se incomodavam com o simples detalhezinho de que Pinóquio fosse feito de madeira, não de carne e osso, outros não tinham a mente tão aberta assim.

Quando chegaram à escola, Grilo tinha dado o resumo do que precisava fazer: preste atenção, obedeça às regras e faça o que a professora mandar. Se Pinóquio seguisse as regras, se daria bem na escola. Afinal, era um bom menino com uma boa consciência. Queria ser valente, sincero e generoso. A escola seria um ótimo ponto de partida. Grilo lhe deu tchauzinho. Prometeu estar ali quando as aulas do dia terminassem. Com um aceno alegre, Pinóquio foi saltando escola adentro.

Grilo olhou para trás e suspirou, aliviado. Ninguém o tinha seguido. Pinóquio escapara de uma catástrofe. Por pouco. Agora, o mar estava tranquilo.

Mas, de repente, ouviu uma comoção dentro da escola. Crianças falando alto, alarmadas. Algumas até mesmo gritavam.

— Quem é ele? — disse um.

— É esquisito! — falou outro.

— Ele é feito de madeira?

Grilo franziu o cenho. Aquilo não era bom... Nada bom.

Então, houve sons de passos, e, um momento depois, Pinóquio apareceu voando pela porta. Crianças malvadas riam com crueldade e não paravam de provocá-lo.

O diretor bloqueou a entrada e olhou para Pinóquio. Nada como o rosto de Signora Vitelli, o rosto desse professor era frio e hostil.

— Vá embora e fique longe! A escola é para crianças de verdade, não para bonecos ridículos. Marionetes devem ficar no circo! Servem para fazer as crianças rirem! — O vinco em seu cenho ficava ainda mais profundo. — A escola não é lugar para rir!

Ainda no chão, onde tinha caído, Pinóquio parecia magoado e confuso. Grilo corria para acudi-lo quando um pote de vidro foi colocado ao seu

redor, prendendo-o. Olhando pelo vidro, viu que Gideão e João Honesto estavam de volta.

Grilo batia contra a parede e gritava, mas não adiantou. O vidro era grosso demais. Pinóquio não ouvia.

— Que absurdo! — disse João Honesto, abaixando-se para ajudar Pinóquio a se levantar. — Que atrocidade!

Pinóquio continuava a encarar a escola. O diretor permanecia no mesmo lugar, com braços cruzados e a expressão gélida.

— Acho que aquele professor não gosta de mim — comentou Pinóquio.

João Honesto, que exibia um belo galo na testa, balançou a cabeça.

— Quem liga? Ele não acolhe diferentes tipos de inteligência — disse João Honesto, como se a pedagogia fosse seu forte.

— Ele disse que não pertença à escola — murmurou Pinóquio, baixinho.

As palavras de João Honesto não ajudavam em nada. Pinóquio apenas ouvia as provocações mesquinhas das crianças, e os ecos de sua gargalhada cruel.

— Você é incompreendido, como todos os grandes atores do mundo — disse João Honesto, colocando a mão no ombro de Pinóquio. — A escola é para gente comum, não para artistas brilhantes como você. — Parou de falar, deixando as palavras penetrarem no alvo.

Lentamente, o olhar de Pinóquio desgrudou do diretor. João Honesto esperou que se voltasse para ele e acrescentou:

— O que você quer é fama! Fama e fortuna! O que o sabichão e inteligente professor disse?

— Que meu lugar é no show de marionetes.

— Exatamente o que eu disse — concluiu João Honesto com um aceno. Ele estendeu a mão para Pinóquio, que, por um instante, parecia mesmo dividido. Preso no vidro, Grilo gritava, tentando fazê-lo escutar. Sabia que o menino só queria agradar o pai. Mas também sabia que ele era inocente e impressionável. *Não aperte a mão dele*, o inseto implorou silenciosamente. *Não faça isso*.

Mas então, para o horror de Grilo, Pinóquio estendeu a mão de madeira. Ele e João Honesto apertaram as mãos.

Trato feito.

Pinóquio largaria a escola.

Grilo não pôde fazer nada a não ser observar Pinóquio saltitar pela rua ao lado dos dois vigaristas. Que raio de consciência ele era? Decepcionante.

Precisava dar um jeito de ajudar Pinóquio, mas, antes, precisava conseguir sair da jaula de vidro.

CAPÍTULO

SETE



Stromboli foi facilmente convencido de que *precisava* contratar Pinóquio para seu espetáculo de marionetes — mesmo lhe custando uma pequena fortuna. Assim que João Honesto e Gideão entraram desfilando no Teatro de Marionetes de Stromboli, com Pinóquio a tiracolo, o *maestro* desejou botar as mãos no boneco sem cordões. Quando os dois trapaceiros apresentaram a marionete que falava e andava sozinha, o gélido coração de Stromboli se aqueceu só de pensar nos lucros que teria. O investimento inicial seria pequeno perto do dinheiro que Pinóquio arrecadaria.

Rapidamente, alterou o cartaz para anunciar uma atração na qual as pessoas só acreditariam depois de ver — e pagar. Então, obrigou Pinóquio a aprender uma canção e uma coreografia, que o boneco aprendeu rapidinho. Agora, Pinóquio esperava de modo paciente nas coxias pelo início do show, enquanto, no palco principal, Stromboli animava a plateia.

Diante de Pinóquio, uma porta no chão se abriu. Em seguida, a cabeça de uma jovem apareceu. Depois que seu corpo inteiro apareceu, ela olhou para Pinóquio com curiosidade e gentileza. Por um instante, um sorriso doce iluminou seu rosto. Porém com rapidez desapareceu, e seus olhos ficaram duros.

— Então, é verdade — falou. — Stromboli colocou suas mãos sujas num boneco mágico. Você tem minhas condolências.

Pinóquio não sabia o que responder.

— Ah, você quer elas de volta?

— Você é um doce — disse ela. Outro sorriso apareceu em seu rosto. Ela rodeou Pinóquio. Pegando cordões de marionetes pendurados nas vigas, amarrou-os nas pernas e braços de Pinóquio. Ele não sabia o que fazer,

então apenas permitiu. Ela não parecia se intimidar com ele, o que estranhamente reconfortou o menino de madeira.

— Meu nome é Pinóquio — disse. — Estou aqui para ficar famoso, me tornar um menino de verdade e deixar meu pai orgulhoso. — Espiou pela cortina para ver se enxergava Gepeto na plateia. Stromboli garantiu que Gepeto estaria lá. Que ninguém iria perder um show desses. Mas ele não via o pai.

— Meu nome é Fabiana — apresentou-se a jovem. — E nunca ficarei famosa. A não ser que eu saia desse show de marionetes triste e falido, de baixo orçamento... — Percebeu o que estava dizendo e deu de ombros. — Só estou tendo um dia ruim. Desculpe. — Ela ajustou o nó que havia acabado de dar.

Pinóquio olhou para o laço.

— Por que colocou cordões em mim?

— É parte do show — explicou Fabiana. Ela puxou um dos cordões amarrado na perna de Pinóquio. Ele se desfez instantaneamente. Era tudo parte da experiência de Stromboli. Ou, digamos, da farsa: nós corrediços, enganações. Stromboli era um mestre dos truques. Satisfeita com o resultado, embora insatisfeita de ter de obedecer Stromboli outra vez, Fabiana deu um passo atrás. — Ainda não conhece a Sabina, não é? — Pinóquio balançou a cabeça, e Fabiana apontou para uma linda marionete de bailarina na lateral do palco.

A boneca estava imóvel. Tinha uma expressão agradável estampada no rosto, e usava um lindo tutu cor-de-rosa. Enquanto ele a observava, Sabina, de alguma maneira, piscou. Assustado, Pinóquio ficou boquiaberto. Se fosse capaz de corar, teria ficado vermelho.

Fabiana deu um tapinha na perna dele, o que o fez acordar do devaneio.

— Essas suas pernas são feitas de pinho?

Pinóquio assentiu

— São — especificou ele. — Mas logo serão de verdade.

— Não queira se desfazer tão rápido assim dessas pernas de madeira — disse Fabiana cheia de mistérios. — São mais fortes do que as de carne e osso: não são picadas por pernilongos, nem ficam com marcas roxas. Fazem coisas incríveis que pernas reais não conseguem.

— Sério? — perguntou Pinóquio. Nunca tinha pensado nisso. Para ele, pernas de verdade eram obviamente melhores. Mas talvez não fosse bem assim.

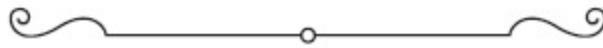
Fabiana sorriu.

— Claro — respondeu. — De membros de madeira eu entendo. Aproveite-os hoje. — Ela se virou para ir embora, então parou e, sorrindo, acrescentou: — Quebre a perna.

Pinóquio entrou em pânico.

— Sêrio?

— Ah! — Fabiana suspirou, percebendo que o inocente boneco não conhecia essa expressão do teatro. — Não, é só um modo de falar. — E, com isso, ela escalou pela escotilha e desapareceu. Pinóquio, porém, teve tempo de ver as pernas dela: uma era de pau.



De pé no palco, Stromboli olhava a plateia. A tenda estava lotada. Ficou feliz. Bem, não feliz pela plateia, mas pelo dinheiro que tinham dado para estar ali. Mal podia esperar para contabilizar os lucros.

Um tambor rufou. Stromboli ficou quieto, permitindo que a batida aumentasse a excitação. Quando estava certo de ter a atenção de todos, silenciou o tambor e começou:

— Apresentando a Oitava Maravilha do Universo — disse, sua voz grossa ecoando pela tenda. — A única marionete que pode cantar e dançar *sem* ajuda de cordões. O boneco que acha que é um menino de verdade... O primeiro e único... Pinóquio!

Stromboli puxou uma alavanca na lateral do palco. Uma calíope a vapor emitiu uma torrente sonora, com o ar comprimido soprando pelos tubos, apitando como uma locomotiva. A plateia se encolheu com aquele som alto, mas Stromboli nem notou. Ele girava sua batuta loucamente, como se de algum modo controlasse a máquina, mas claro que não fazia nada do tipo. O instrumento funcionava sozinho. Mas Stromboli adorava atuar.

A cortina se abriu, revelando Pinóquio. Então, uma luz iluminou o ponto do palco onde estava. Ele começou a cantar e dançar conforme havia aprendido, levantando pernas e braços, enrijecido e desajeitado — com os cordões amarrados por Fabiana. Mas conforme ele se mexia pelo palco, os nós dos cordões se desfaziam um a um. A plateia aplaudiu entusiasmada ao ver um boneco sem cordas se mexer sozinho.

Ao ouvir os aplausos, Pinóquio ficou ousado. Seu temor desapareceu, e ele passou a dançar mais rápido. Talvez João Honesto tivesse razão; parecia

mesmo que ele tinha nascido para os palcos. Continuou cantando, entoando a canção com uma voz confiante. De repente, Sabina apareceu ao lado dele. Atrás dela, uma fileira de marionetes bailarinas. Surpreso, Pinóquio tropeçou, ficando envergonhado. A plateia aplaudiu ainda mais. Estavam encantados com ele. Ou com a bailarina fazendo *pliés* e saltando pelo palco.

Percebendo que não era mais a estrela principal, Pinóquio dançou ainda mais rápido. Seus pés se agitavam no compasso da música da calíope, que tinha, graças a um tropeço de Stromboli, ficado descontrolada. Agora, no andamento mais rápido possível, o instrumento cuspiu a música de uma maneira frenética e delirante. Sem saber mais o que fazer, Pinóquio tentava acompanhar. Stromboli tinha mandado dançar até o fim da música, e ele queria obedecer. Mas estava ficando cada vez mais difícil. Seus sapatos de madeira raspavam tão rápido no piso do palco que começaram a esquentar.

E então começaram a pegar fogo.

Pensando que aquilo também fizesse parte do show, a plateia gritou de alegria.

Stromboli gritou de medo.

Sinalizando para que os ajudantes de palco apagassem as chamas, Stromboli encerrou a música. E enquanto a fumaça dos sapatos encharcados de Pinóquio subia pelo ar, moedas voavam da plateia.

Pinóquio fez uma reverência enquanto Stromboli sorria alegre e aliviado. Ergueu o menino de madeira no ar como um troféu, enquanto a chuva de moedas não arrefecia. Quem ligava que a tenda quase havia pegado fogo e que por pouco evitaram um desastre? Pinóquio faria dele um homem muito rico.

CAPÍTULO OITO



Mais tarde, depois que a plateia se esvaziou e as moedas foram recolhidas, Pinóquio se encontrava sentado na caravana de Stromboli. Era uma casa móvel de madeira, pintada com cores feias e espalhafatosas. Marionetes emaranhadas e quebradas pendiam do teto.

Stromboli fatiou um salame com uma faca grande e o cobriu de alho. Depois, enfiou a iguaria na boca. Enquanto comia, contava as pilhas de moedas que cobriam a mesa. Pinóquio observava, rememorando a apresentação. Os gritos por seu nome vindos da plateia ainda ressoavam em seus ouvidos. Que delícia.

— Nunca confiei naquele ladrão mentiroso do João Honesto — disse Stromboli, dando outra mordida no salame —, mas, dessa vez, ele foi honestamente honesto. Você é um *fenômeno*!

Pinóquio sorriu.

— Eles gostaram de mim! — disse. — Gostaram mesmo de mim!

Stromboli deu de ombros. Não queria saber de “gostar”. Precisava que ficassem fascinados pelo boneco, com vontade de voltar. Deslizou uma pilha de moedas pela mesa.

— Sim, amaram você. Você é... — parou de falar para contar mais um pouco de moedas — ... colossal. Estupendo. Espetacular. — Em pensamento, acrescentou: *Uma máquina de fazer dinheiro*.

— Isso significa que sou famoso? — perguntou Pinóquio. Ele olhou seus braços e pernas, esperando que tivessem se transformado de alguma maneira. — Não me sinto famoso.

Uma batida alta na porta fez Stromboli erguer os olhos da mesa. Uma expressão raivosa surgiu em seu rosto. Não gostava de interrupções. Jogou

um cobertor sobre a pilha de moedas quando a porta se abriu com tudo.

Fabiana entrou segurando Sabina. Manipulava a marionete de forma que Sabina parecia viva e também precisasse falar com ele.

Os olhos de Stromboli se cerraram.

— Quem você pensa que é? — grunhiu. — Entrando aqui assim. Estou decidindo o futuro de Pinóquio. Ele está prestes a se tornar o boneco mais famoso do mundo!

Pinóquio ouviu, curioso. Não era a conversa que estavam tendo. Mas gostava da ideia de ser o boneco mais famoso do mundo. Endireitou-se na cadeira, imaginando os aplausos.

— Que bom para o Pinóquio — Fabiana disse usando a voz de Sabina. Pinóquio parou de sonhar acordado e se concentrou na bela marionete. Ela não parecia feliz por ele. — Estamos aqui para coletar nossa parte.

— O quê? — grunhiu Stromboli, cujo rosto ficou vermelho de raiva. Levantando seu corpanzil, encarou Fabiana e a boneca. Elas o encararam de volta, recusando-se a se curvar diante daquele olhar feroz. Queriam a parte delas, e não saíam dali sem o que mereciam. — Depois de tudo que fiz por vocês! — Stromboli fumegava. — Permiti que participassem do mais magnífico *spettacolo* do mundo! Somos maiores do que a ópera. Maiores do que o circo!

Fabiana ergueu uma sobrancelha.

— Maiores do que seu ego?

— E do que sua barriga? — acrescentou Sabina.

— Qualquer dia desses, haverá uma revolta das marionetes. — Desta vez, ambas pareceram falar ao mesmo tempo.

Aquele truque assustador foi a gota d'água. Stromboli rugiu e apontou para a porta. Pegou uma machadinha jogada perto de uma pilha de bonecos quebrados e a sacudiu no ar.

— Saia daqui antes que eu corte essa sua perna de pau e a transforme num boneco! *Fora!*

Com um último olhar afiado, Fabiana precipitou-se porta afora, levando Sabina consigo. Stromboli fechou a porta com tudo e voltou rápido para sua mesa. Pinóquio observava, assustado. Nunca tinha visto ninguém gritar tão alto. Ficou com medo.

Notando que seu ganha-pão estava inseguro e confuso, Stromboli suavizou a expressão. Então ergueu o cobertor de cima das moedas e

procurou algo ali. Encontrou o que buscava — um chumbinho — e o colocou cuidadosamente nas mãos de Pinóquio.

— Para você, meu pequeno Pinóquio — falou com a voz mais gentil de que era capaz —, a sua parte.

Pinóquio olhou para a bala de chumbo, sem saber que aquilo não era dinheiro de verdade.

— Nossa, obrigado! — disse, levantando-se. — Vou voltar correndo para casa e mostrar ao meu pai.

— Casa? — repetiu Stromboli. Então começou a rir. Segurou a barriga quando a risada virou gargalhada.

Observando-o, Pinóquio pôs-se a rir também, embora não soubesse o porquê.

— Volto amanhã cedinho — avisou Pinóquio entre ataques de risos.

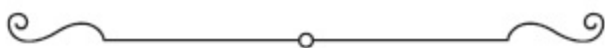
— Claro, claro — disse Stromboli. E então, sem aviso, parou de rir. Sua expressão ficou novamente furiosa. Agarrou Pinóquio e o jogou dentro de uma gaiola vazia no canto. E trancou o cadeado. — Esta é sua casa! Sempre ao meu dispor! — rosnou Stromboli. Então pendurou a chave do cadeado do outro lado do cômodo.

— Não! — gritou Pinóquio. — Me deixe sair! Me deixe sair daqui! Socorro! Papai! — Ele chacoalhava as barras da gaiola, mas não adiantava. Estava preso.

Stromboli bateu com o punho na mesa. O dinheiro saiu voando quando ele se inclinou e estreitou os olhos cruéis.

— “Papai”? — repetiu ele, imitando a voz assustada do boneco. Deu uma risada maldosa. — Nenhum pai vai querer uma *bizarrice* como você! Pais e mães querem filhos de verdade. Mas eu... Eu vou torná-lo famoso! E *você* vai me tornar... — deslizou todas as moedas para uma bolsa — ... rico! — Pegando a bolsa, mandou um beijo para Pinóquio. — Boa noite, minha pequena mina de ouro.

Então bateu a porta e a fechou por fora. A caravana pôs-se a mover. Pinóquio afundou no chão da gaiola e começou a chorar. O que tinha feito? Como iria escapar dessa?



Dentro da gaiola, Pinóquio tremia, amedrontado e solitário. Olhando em volta, via as sombras assustadoras dos bonecos rejeitados. Desejou estar de

volta à loja de Gepeto. Imaginava o que o pai devia estar fazendo naquele momento. Estaria preocupado? Sentiria sua falta? Pinóquio fungou. Devia ter dado ouvidos a Grilo e nunca ter ido atrás de João Honesto. Essa situação era toda culpa sua. Uma nova sensação tomou conta dele: pena de si mesmo. Encolheu-se ainda mais.

— Pinóquio, Pinóquio.

O sussurro de Fabiana ecoou pela caravana. Pinóquio enxugou uma lágrima e olhou em volta, confuso. Onde ela estava?

— Aqui em cima. No teto.

Pinóquio olhou para cima. Fabiana espiava por uma pequena escotilha. Seus olhos marejaram ao ver o boneco preso. A crueldade daquele homem não tinha limites?

— Stromboli é um homem terrível e malvado — disse. — Mas nós vamos te ajudar.

Os olhos dela brilhavam no escuro. Pinóquio sentiu uma pontada de esperança. Talvez não estivesse totalmente sozinho, afinal. Mas então balançou a cabeça. Não merecia a bondade dela. Tinha se metido nessa encrenca porque não era um garoto de verdade. Era apenas um boneco bobo que não sabia de nada.

— Me deixe em paz — disse, dando as costas para Fabiana.

— Pinóquio — falou ela com gentileza, notando como ele se sentia magoado —, odiamos vê-lo preso. Pode confiar na gente. — Como resposta, Pinóquio tapou as orelhas. Fabiana continuou: — Olhe para cá. Acredite em mim.

O boneco de madeira balançou a cabeça.

Fabiana suspirou, triste. Era o que temera. Sabia do que Stromboli era capaz e percebera a inocência de Pinóquio. Stromboli usara essa inocência contra o pobre menino, e agora ele estava assustado e desconfiado. Mas se Pinóquio não acreditava em uma pessoa real, talvez acreditasse em uma marionete.

Fabiana baixou Sabina e fez a marionete pairar em frente à gaiola de Pinóquio.

— Ainda não fomos devidamente apresentados — disse. — Sou Sabina. — Ela enfiou a mão minúscula pelas barras da gaiola. Pinóquio a cumprimentou com um aperto de mãos.

— Eu me chamo Pinóquio. Você é uma ótima dançarina.

— Obrigada — respondeu ela. — Pena nos conhecermos nessa circunstância terrível.

O sorriso desapareceu do rosto de Pinóquio quando se lembrou de onde estava e do que estava acontecendo.

— O senhor Stromboli disse que eu poderia ir para casa contar ao meu pai que fiquei famoso. Mas aí ele me trancou aqui! — Ao falar, foi ficando chateado. Era estranho ter todas essas emoções novas. Não sabia o que fazer com elas.

— Não se pode confiar *nunca* no Stromboli — disse Sabina.

— Confiar? — repetiu Pinóquio, sem saber o que aquilo significava.

— Confiar é acreditar que uma pessoa vai fazer aquilo que prometeu — explicou.

Pinóquio pensou a respeito. João Honesto não era alguém em quem se podia confiar. Não tinha sido honesto. Pinóquio nem sabia se João era seu nome verdadeiro. E certamente não podia confiar em Stromboli. Não precisava que Sabina explicasse isso. Respirou fundo. Sabina estava tentando ajudar, e talvez fosse o momento de começar a confiar nas pessoas certas.

— Bem... Eu confio em você. Eu acho — disse.

Sabina sorriu.

— Obrigada. Tentarei ser digna de sua confiança. — Dançou em torno da gaiola e apontou para o cadeado. E depois para o outro lado da sala. — Está vendo aquela chave na parede? Aquela é a chave da gaiola. Temos que pegá-la... pra tirar você daqui.

Pinóquio sentiu uma pontada de esperança.

— Você faria isso por mim?

Sabina olhou em volta e então sussurrou:

— Posso confiar em você para contar um segredo? — Esperou que ele assentisse antes de continuar: — Quando chegarmos na próxima vila, nós, marionetes e marionetistas, vamos pegar o dinheiro que Stromboli nos roubou e fugir!

— Fugir? — Os olhos de Pinóquio se arregalaram.

— Sim, escapar — continuou ela. Queriam começar seu próprio show, explicou. Seria um espetáculo onde todos seriam tratados de forma justa.

De repente, o vagão parou com tudo. Pinóquio e Sabina trocaram olhares nervosos quando ouviram passos do lado de fora. Então a maçaneta girou. Antes que Pinóquio pudesse se despedir, Fabiana puxou Sabina pela

escotilha. Ela desapareceu pela abertura ao mesmo tempo em que a porta se abriu. A figura gigante de Stromboli preencheu o cômodo pequeno.

— O que está acontecendo aqui? — falou, raivoso. A cabeça dele chicoteava de um lado para o outro em busca de algum sinal, qualquer coisa. Jurava ter ouvido outra voz ali dentro. Mas viu apenas Pinóquio sentado na gaiola. — Você deveria descansar — disse Stromboli, tentando soar carinhoso. Mas não havia carinho em seus olhos, e Pinóquio não se enganou. Não confiaria mais nesse homem. — Amanhã teremos um grande show em Siena. Vão nos dar muito dinheiro... — A voz dele foi diminuindo de volume quando percebeu o alçapão aberto no teto. Olhou com suspeita para Pinóquio e fechou a porta da escotilha com força, trancando-a bem firme. — Só para garantir que não aconteça nenhuma gracinha. — O aviso ficou claro.

Pinóquio engoliu em seco, nervoso.

Stromboli se virou, caminhou na direção da porta e a trancou atrás de si. De dentro da gaiola, Pinóquio ficou tremendo, sozinho outra vez. Um raio iluminou o céu. Então, um trovão ressoou, balançando o vagão, e logo a chuva despençou. Pinóquio lembrou-se da promessa de Sabina: poderia confiar nela. Apenas torceu para que ela tivesse um plano para tirá-lo dali.

CAPÍTULO NOVE



Dentro de sua prisão de vidro, Grilo estava desanimado. Balançava a cabeça. Tentara escapar de todas as maneiras desde que fora preso ali por João Honesto e Gideão, mas nada adiantou. Era impossível sair.

— Bom, acho que é isso. Este é o meu fim. — Franziu o cenho. Sempre achou que teria uma vida longa e contente. Talvez encontrasse um bom lugar para se assentar, aprender umas músicas novas. Mas aí ele se meteu com essa Fada Azul e esse negócio de consciência e olha só no que deu! Preso num pote de vidro em meio a uma tempestade.

Embaixo dele, o chão começou a tremer. Uma caravana de vagões cambaios, puxada por duas mulas exaustas, se aproximava. Os olhos de Grilo se arregalaram.

— Pelas barbas do profeta... — disse, lendo a placa na lateral do primeiro vagão. — “O Show de Marionetes de Stromboli”. Me pergunto se Pinoquito teve a chance de... — Grilo tirou uma luneta do colete e espiou a caravana. Analisou os vagões dianteiros, depois os de trás. Então, o do meio. Pela janela minúscula, viu Pinóquio. O menino de madeira balançava para a frente e para trás. Numa gaiola.

— Pinóquio! — berrou Grilo. — Ei, Pinóquio! Aqui! Sou eu, Grilo. — Mas não adiantou. Sua voz era abafada pelo vidro grosso do pote. Tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe.

Crec!

Assustado, Grilo olhou em volta.

Tac! Crunch!

Conforme a caravana seguiu, passou por cima de um trecho cheio de pedregulhos soltos. As rodas espalharam alguns que atingiram o vidro.

Apareceram rachaduras, e então uma pedra bem grande atingiu o pote. Grande e pesada o suficiente para virar o vidro no chão.

Grilo estava livre!

— Fomos surpreendidos novamente — disse.

Abrindo o guarda-chuva, Grilo se concentrou. Precisava alcançar aquele vagão. Correu atrás da caravana de Stromboli. Por sorte, as ruas estreitas desaceleraram o comboio, e Grilo conseguiu alcançá-lo. Fechou o guarda-chuva, saltou para o vagão onde Pinóquio estava e se enfiou pelo olho mágico da porta de trás. Olhou em volta. Avistou Pinóquio e soltou um “psiu”.

Pinóquio ergueu a cabeça.

— Pinóquio! Escuta aqui! — Grilo gritou sussurrando.

Pinóquio sentou-se mais ereto, reconhecendo a voz do amigo. Quando viu o inseto ensopado pela chuva, um sorriso iluminou seu rosto.

— Grilo! — disse, feliz. — Puxa, estou feliz em ver você! Stromboli me trancou nessa gaiola.

Usando uma marionete pendurada como corda, Grilo balançou-se até a gaiola e remexeu no cadeado. Nem sinal de abrir.

— Acho que não era isso que imaginava quando decidi se tornar um ator famoso, hein? — comentou Grilo. O tom era gentil, mas deixou a mensagem clara: Pinóquio devia ter lhe dado ouvidos.

A cabeça de Pinóquio despencou de vergonha.

— Não é culpa minha — disse, embora ambos soubessem que não era bem assim. — Nunca *quis* ser famoso.

De repente, o nariz de Pinóquio cresceu um pouco.

Grilo balançou a cabeça, achando que tinha sido apenas um golpe de vista.

— Não é isso que lembro — argumentou. Tinha testemunhado a facilidade com que João Honesto e Gideão convenceram Pinóquio com a promessa de fama e fortuna.

— Mas eu *não* queria ser famoso! — choramingou Pinóquio, soando como um garotinho fazendo birra. — Eu queria ir para a escola!

Com um som, o nariz de Pinóquio cresceu mais um pouco, dessa vez mais de meio metro. Passou entre as grades da gaiola. O boneco pareceu nem notar e continuou contando uma mentira atrás da outra.

— É verdade! Aquele monte de gente gritando e aplaudindo... Eu detestei! — A cada mentira, o nariz crescia. Enfim, ele notou. — Grilo, o

que está acontecendo? — perguntou, assustado.

Grilo não tinha certeza.

Nunca tinha visto nada assim.

Por outro lado, antes de conhecer Pinóquio, nunca tinha visto uma porção de coisas.

— Está me cheirando a algum tipo de magia de fada, não? Você tem nariz pra isso? — Grilo riu da própria piada. — O ponto é: uma mentira é capaz de mudar uma pessoa, Pinóquio.

Embora não tivesse certeza do que estava acontecendo, parecia que a cada mentira, o nariz de Pinóquio crescia mais. E ele sabia que mentir era estritamente proibido no ramo de consciências. Então, achou que seu argumento era bastante sólido. E, com franqueza, não era fã de gente mentirosa.

— Por isso estou dizendo a verdade verdadeira, a verdade todinha, a verdade das verdades! Acredite em mim! — gritou Pinóquio.

O nariz dele cresceu mais meio metro. A essa altura, quase alcançava o centro do cômodo. Grilo saltou sobre o nariz e andou por cima dele.

— Agora chega de mentir, Pinóquio! — disse, irritando-se com aquela situação de perigo na qual Pinóquio os colocava.

— *Não estou mentindo!* — gritou o boneco.

Wham! O nariz cresceu outra vez, um metro e meio dessa vez! Grilo caiu pelo ar. Deu umas cambalhotas antes de abrir o guarda-chuva. Flutuou e pousou na ponta daquele nariz enorme. A situação já estava ridícula. Pinóquio precisava parar de contar balelas antes que seu nariz ficasse maior que o vagão.

Quando Grilo repetiu para Pinóquio parar, ele respondeu:

— Você tem razão.

— Claro que tenho! — Grilo bufou. — Sou sua *consciência*, lembra?

Pinóquio, no entanto, já deixara de ouvir. Estava olhando a parede do outro lado. Apontou.

— Grilo, está vendo aquela chave? — O inseto seguiu o dedo do garoto e assentiu. — É desse cadeado.

— Não consigo alcançar — afirmou Grilo.

Pinóquio sorriu.

— Tenho uma ideia... Mas preciso contar uma bela lorota.

Grilo resmungou. Esse tipo de pensamento só causa problema.

Encarando seu comprido nariz, Pinóquio bolou um plano. Se, a cada vez que mentia, seu nariz crescia — e crescia mais conforme o tamanho da mentira —, só precisava continuar mentindo, e logo seu nariz alcançaria a parede oposta. Então Grilo poderia usá-lo de ponte, pegar a chave e... liberdade!

Mas Grilo não sabia que esse era o plano. Balançou a cabeça quando soube que Pinóquio mentiria outra vez.

— Falar qualquer coisa que não a verdade sempre leva a um desastre — avisou Grilo.

Pinóquio suspirou, fingindo estar triste. Mas não conseguiu manter a fachada por muito tempo. Logo, sorriu e disse:

— Ei, Grilo, quer saber de uma coisa?

Grilo franziu o cenho. Não estava gostando daquele sorrisinho.

— O quê? — perguntou, nervoso.

— *Eu não quero ser um menino de verdade!* — disse Pinóquio, alegre.
— *Não quero deixar meu pai orgulhoso!*

No mesmo instante, houve um *crec* alto e o nariz de Pinóquio cresceu mais meio metro. Bateu na parede, atravessando a argola do chaveiro. Pinóquio balançou a cabeça para clarear a visão, então inclinou-a para trás. A chave, junto com Grilo, escorregaram pelo seu nariz e só pararam na metade.

Grilo o encarou longamente.

— Isso era mentira de verdade ou mentira de mentira?

Pinóquio tinha pensado que seu plano era bom, mas não que fosse assustar o grilinho.

— Claro que era mentira de mentira — disse Pinóquio, a voz repleta de arrependimento genuíno enquanto formulava suas desculpas. — Precisava alcançar a chave. Me desculpe, Grilo.

O nariz encurtou.

Os olhos de Grilo se arregalaram.

— Às vezes, essa coisa de honestidade fica bem confusa — disse. — Digamos que essas mentiras de mentira pertencem a uma zona cinzenta. — Pinóquio não entendeu nada, então Grilo tentou esclarecer: — Ou seja, a consequência desse tipo de mentira pode ser boa ou ruim. — Respirou fundo. Ser uma consciência é um trabalho duro. Muita explicação e improviso. Como ser criança, supôs.

— Sinto muito por ter mentido a respeito de querer ser famoso — admitiu Pinóquio. O nariz encolheu mais um pouco. A chave estava cada vez mais próxima da gaiola. — E prometo nunca mais contar essas balelas.

Grilo ergueu um dedo cauteloso. Essa promessa não devia ser feita. Ninguém pode prometer isso porque ninguém é perfeito. Nem mesmo Grilo.

— O que você precisa saber é que, na vida, todos os atos têm consequências. Então, suas ações devem ser sinceras. Mas quando cometer um erro, peça desculpas. Então faça o possível para melhorar.

Pinóquio sorriu e assentiu, enfim entendendo a lição do inseto.

— Desculpe por não ter te ouvido na escola. Você deve ter ficado magoado.

Assim que a desculpa foi proferida, o nariz encolheu mais uma vez. Grilo correu pelo nariz que se encurtava, tentando não escorregar. Com um barulho final, o nariz de Pinóquio voltou ao tamanho normal e o chaveiro caiu no chão da gaiola. Grilo pegou a chave, colocou-a na fechadura e virou. Com um clique, o cadeado abriu.

— Vamos dar o fora daqui! — disse.

Pinóquio saiu da gaiola num salto e seguiu Grilo pela porta dos fundos, que se abriu para a noite escura. Estava prestes a pular para fora do vagão em movimento quando ouviu alguém cantando. Era uma canção tocante, e vinha do vagão de trás.

Ignorando o aviso de Grilo de que não tinham tempo para isso, Pinóquio escalou a estrutura de metal que conectava os dois vagões, na direção do som. Precisava descobrir de quem era aquela voz.

CAPÍTULO DEZ



Pinóquio parou à porta do outro vagão, que estava aberta. De fora, era igual ao seu. Mas a luz ali era mais calorosa, mais receptiva. Respirando fundo, ele enfiou a cabeça lá dentro.

Uma única vela iluminava o local, banhando o espaço com um brilho suave. No canto, a caixinha de música tocava uma canção tranquila. E, no meio de tudo aquilo, girando em uma série de piruetas e *fouettés* espetaculares, estava Fabiana. Ela dançava e cantava. Suas palavras eram cheias de desejo e ambição, por um mundo que a aceitasse do jeito que era e o que fazia — não apesar de, mas por conta de sua perna. A voz aumentava com paixão ao cantar sobre perseverança e superação de obstáculos e um dia alcançar os holofotes.

Seus movimentos e música eram hipnotizadores. Tanto Pinóquio quanto Grilo assistiam, fascinados, à performance encantadora de Fabiana.

— Olha só isso — sussurrou Grilo. — Que coisa.

— Que coisa mesmo — Pinóquio sussurrou de volta.

A dupla continuava espiando quando Fabiana os flagrou pelo espelho. Sem transparecer, puxou uma corda que fez a cortina descer. Fabiana desapareceu detrás do tecido. De repente, Sabina apareceu e começou a dançar uma *salsa* animada. Empinava-se e fazia o chá-chá-chá para a frente e para trás da cortina, com seus quadris de marionete balançando e suas pernas de madeira chutando sem parar. Puxou Pinóquio para o “palco”. No começo, ele ficou duro, relutante em participar daquele espetáculo particular. Mas logo foi dominado pelo ritmo e se perdeu na música.

Ficaram tão concentrados na dança que, quando o vagão parou de repente, levaram um susto. Na hora, Sabina ficou imóvel. A música foi

pausada. Fabiana enfiou a cabeça pela cortina.

— Pinóquio, é você? Está livre! — disse, contente.

— Sim — respondeu Pinóquio. — E agora viemos aqui para ajudá-las a fugir.

Ouvindo tudo, Grilo ficou perplexo.

— Fugir! — exclamou. Do que Pinóquio estava falando? Não tinham planejado nada daquilo!

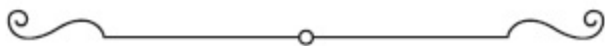
Sabina, a boneca, parecia concordar.

— Não podemos — disse. — Não podemos simplesmente ir embora esta noite. Temos um plano. Quando chegarmos a Siena, a polícia vai...

Todos pararam ao ouvir Stromboli gritando, bravo. Sabiam que devia ter descoberto a fuga de Pinóquio. Fabiana apagou a vela com rapidez.

— Pinóquio, você precisa fugir... agora mesmo — sussurrou Sabina, com urgência na voz. — Não pode deixar Stromboli encontrá-lo. Nós temos um plano. Vamos ficar bem. — Ela pausou e acrescentou: — Acredite em mim.

Pinóquio assentiu. Entendeu que precisava confiar nela. Com um último olhar já saudosos, Pinóquio virou-se e seguiu Grilo Falante, que já saltava do vagão. Juntos, a dupla moveu-se rapidamente pela estrada, afastando-se da caravana de Stromboli.



Pinóquio não parou de falar desde que fugiram da caravana. Conforme ele e o inseto corriam pelas ruas de um vilarejo desconhecido, a chuva parou. Pinóquio estava cheio de energia, animado pela emoção do perigo. Suas palavras jorravam tão rápido de sua boca quanto seus pés voavam pelas ruas de pedras iluminadas pela luz da lua.

Tinha acabado de contar a Grilo tudo o que Fabiana e Sabina fariam — começar o próprio espetáculo — quando viraram com tudo à direita em uma rua estreita.

— Cuidado — avisou Grilo. — Estas ruelas são perigosas à noite.

Pinóquio nem ouviu. Ainda pensava em Fabiana. E em Sabina. Principalmente em Sabina.

— Essa Sabina é uma bela boneca mesmo — disse, sonhador.

— É, sim — respondeu Grilo, segurando o sorriso. Sabia que o boneco estava apaixonado pela marionete bailarina. — E corajosa. Ninguém vai

manipulá-la.

— Espero um dia vê-la outra vez — falou baixinho Pinóquio.

Grilo parou e olhou para seu jovem pupilo. Seu trabalho era ensinar-lhe as lições mais duras da vida. O amor romântico não seria uma delas?

— Bem, Pinoquito, nas questões do coração... Ou dos cordões do coração, no seu caso... Minha experiência é que devemos ser fatalistas.

— Fatalistas? — repetiu Pinóquio. — O que é isso?

— Significa que se for para ser... — Grilo parou de falar, notando que estava ficando filosófico demais. Depois deu ombros. Era melhor o menino aprender cedo — ... será.

Pinóquio ficou confuso.

— E se não for para ser?

Grilo deu de ombros outra vez.

— Então vocês são apenas dois navios que se cruzaram pela noite. Navios de madeira, claro. — Parou antes de atravessarem a rua. — Olhe para os dois lados antes de atravessar a...

Não deu tempo de terminar o ensinamento, pois, naquele instante, soou um barulho bem alto. Um conjunto de burrinhos galopando em alta velocidade passou puxando uma charrete. Pinóquio estacou bruscamente, evitando ser atropelado por pouco. Mas o vento gerado pela corrida dos animais levantou Grilo no ar. Flutuando acima do veículo, observou horrorizado uma rede pairar no ar. E então a rede pescou Pinóquio. O garoto de madeira foi jogado dentro da diligência, que, Grilo via agora, estava cheia de crianças. A charrete continuou seu caminho selvagem, cambaleando pela rua estreita.

Grilo conseguiu segurar-se e pegar uma carona. Se dependesse dele, não deixaria mais Pinóquio escapar da sua vista.

CAPÍTULO ONZE



— **Caramba! Olha o que pescamos** agorinha na rua! Um menininho de madeira!

Pinóquio levantou a cabeça, sentado no lugar em que tinha sido jogado sem cerimônias. Um cocheiro o observava com um olhar sinistro. Empoleirado ao lado dele, havia um menino de cerca de onze anos, com um brilho semelhante nos olhos. Mas enquanto o cocheiro era gorducho e todo redondo, o menino era magro e esguio. Suas bochechas estavam cobertas por fuligem e suas roupas eram verdadeiros trapos.

— Olha para ele — disse o menino. — Feito de sarrafos madeira. Sou Espoleta. Qual seu nome, Sarrafo?

Pinóquio não estava entendendo nada e, nervoso, olhou por cima do ombro, tentando encontrar Grilo. Tinha acabado de se livrar do perigo. E já se encontrava em apuros de novo.

— Pinóquio — respondeu por fim, enquanto Espoleta mirava com um estilingue nos animais na frente deles e atirava. A pedra acertou a traseira de um dos pobres burros, que soltou um guincho de dor.

Pinóquio se encolheu.

Espoleta recarregou o estilingue.

— Então, qual a sua história, Sarrafo? Por que é feito de madeira?

— Porque sou um boneco — respondeu Pinóquio. Ele achava que era bem óbvio. Não gostava desse tal de Espoleta. E o cocheiro não parava de lhe lançar olhares malignos. — Mas posso me tornar um menino de verdade. Ou pelo menos achava que podia.

Ao ouvir isso, o cocheiro deu um sorriso.

Mas um nada caloroso.

— Devo dizer que para um boneco você é bem inteligente. Só os rapazinhos mais inteligentes sabem sobre a coleta — disse o cocheiro.

Pinóquio inclinou a cabeça, confuso.

— Coleta? — Na verdade, ele não sabia nada a respeito.

Espoleta explicou rapidamente. Se ficasse à noite em um cruzamento deserto, seria recolhido pelo cocheiro e levado para a Ilha dos Prazeres. Simples assim.

Espoleta lançou outra pedra em um dos burros e deu risada quando este gritou.

Pinóquio não quis ser coletado. Na verdade, agora que tinha sido, desejava não ter ficado parado na esquina.

— Preciso encontrar Grilo — falou em voz alta.

— Quem é Grilo? — Espoleta quis saber.

— Ele é a minha consciência — afirmou Pinóquio.

Espoleta e o cocheiro começaram a rir.

— Estão rindo de quê? — perguntou Pinóquio.

— De você! — disse o cocheiro entre soluços de risada. — Consciência é a última coisa de que vai precisar na Ilha dos Prazeres.

Espoleta ergueu um papel na frente do rosto do boneco. Com letras garrafais, dizia: ILHA DOS PRAZERES – DIVERSÃO, EMOÇÃO, TUDO DE GRAÇA!

— É o maior parque de diversões do mundo! — explicou o garoto. — Sem pais chatos! Sem regras! Você pode destruir o lugar inteiro e ninguém vai falar nada.

Nesse momento, o cocheiro passou por uma lombada. Espoleta soltou o anúncio, que saiu navegando pelo ar.

Pinóquio o observou desaparecer debaixo das rodas da carroça. Não entendia por que alguém iria querer destruir um lugar. Parecia errado. Não tinha vontade de fazer isso. Na verdade, queria mesmo era descer daquela charrete.

Então, o cocheiro falou:

— Você queria mudar, se transformar, por assim dizer? — Pinóquio assentiu. — Ora, que bom que está vindo com a gente. A Ilha dos Prazeres será a experiência mais transformadora da sua vida. Você não será mais um boneco, isso eu garanto!

Os olhos de Pinóquio se arregalaram.

— Sério?

O cocheiro assentiu. Então apontou para os meninos e meninas no vagão atrás deles. Pinóquio não tinha notado ainda, mas agora percebeu que várias crianças já tinham sido “coletadas” antes dele. Cantavam e riam, ansiosas para chegar à Ilha dos Prazeres, onde poderiam ser selvagens e fazer o que quisessem.

— O que mais dizer? A Ilha dos Prazeres é o lugar mais feliz do mundo — disse o cocheiro.

Pinóquio tinha de admitir que a animação das crianças fazia parecer bem divertido. Mesmo assim, não tinha certeza se devia confiar no cocheiro — e nem nas outras crianças, para falar a verdade. Quando admitiu isso, o cocheiro deu um grito bravo e puxou as rédeas com violência.

O carro parou bruscamente.

O cocheiro se inclinou e aproximou os olhos semicerrados bem perto da cara de Pinóquio.

— Parece que temos um desconfiado entre nós — disse. — Um estraga-prazeres que não acredita na diversão... Que não acredita em *experiências transformadoras*!

As crianças berraram, zombando dele. Queriam ir para a Ilha dos Prazeres a qualquer custo.

— Olha... — Pinóquio começou a falar, nervoso. Não gostava do olhar ensandecido das crianças, nem do olhar maldoso do cocheiro. — Podem ir. Vou outro dia.

O cocheiro balançou a cabeça.

— Não é assim que funciona. Ou vamos todos... Ou não vai ninguém! — Diante dessas palavras, as crianças gritaram em descontentamento. — Não quero pressionar, mas seus colegas estão implorando por diversão. Se não acredita em mim, acredite neles. Estariam todos errados?

— Não quer ser excluído, quer, Sarrafo? — falou Espoletta num tom ameaçador.

Pinóquio engoliu em seco.

Não queria ser excluído. Sempre quis ser igual a todo mundo. Mas já tinha se metido em encrencas ao confiar em João Honesto. Não queria fazer a escolha errada outra vez. Por outro lado, o cocheiro tinha um bom argumento. Como todas essas crianças poderiam estar erradas?

— Depois que a gente se divertir... posso ir para casa? — perguntou, começando a ceder.

— Claro que pode — disse o cocheiro. — Eu mesmo te levarei até em casa. Juro juradinho.

Pinóquio cedeu.

— Tudo bem, então. Vamos agora. — Suas palavras foram recebidas com vivas alegres. Mas logo foram abafadas por um grito familiar.

Pinóquio viu Grilo. O inseto voou até o assento, sem sua casaca costureira. Tinha pegado carona na parte inferior da charrete após ter conseguido escapar do atropelamento. Infelizmente, nessa confusão, perdera o paletó.

— Pinoquito! — disse, dando ao cocheiro um cumprimento repreensivo com o guarda-chuva. — Não escute esse pilantra! Desça daí agora!

O cocheiro encarou Grilo com olhos perversos.

— Que porcaria é essa? — gritou. — Um passageiro clandestino?

Antes que Pinóquio pudesse impedi-lo, Espoleta pegou Grilo pelo colarinho e o segurou no ar.

— Parece um gafanhoto, chefe.

Grilo Falante ficou horrorizado. Gafanhoto? Que ousadia! Grilo ergueu os minúsculos punhos no ar, como se fosse lutar com Espoleta. Então parou. Percebeu como aquilo seria inútil. O menino era muito maior que ele. Girando o corpo, ainda preso, olhou para Pinóquio.

— Essa Ilha dos Prazeres é uma má ideia. Você não devia ir. — Não confiava em nada dessa história. Era boa demais para ser verdade.

As crianças protestaram gritando, e Pinóquio olhava de um lado para o outro. Estava indeciso. Sabia que Grilo só queria ajudar. Mas o inseto não era capaz de compreendê-lo: não sabia como era querer tanto se tornar um menino de verdade. Pinóquio respirou fundo. Tinha tomado sua decisão. Iria para a Ilha dos Prazeres. Qual o mal de passar a noite em um lugar apenas se divertindo?

Avisou a Grilo que iria.

— Vou ficar bem — disse. — Por favor, avise meu pai que estarei em casa às... — Ele parou de falar e olhou para o cocheiro. Não sabia a que horas seria isso. — Que horas voltarei para casa?

— Oh, todos terão ido embora ao nascer do sol.

Pinóquio assentiu.

— Avise meu pai que estarei em casa logo cedo.

Grilo sacudiu a cabeça.

— Escute aqui...

— Não, *você* me escute — interrompeu-o Pinóquio. — Todo mundo fica me falando o que fazer. Mas *você* mesmo disse: é um grilo, não uma consciência. A decisão é *minha*, Grilo.

O inseto ficou chocado. Pinóquio de repente parecia outra criança: rude e impertinente.

— Bem, se essa vai ser sua atitude, ótimo — disse com uma bufada.

Então, abrindo o guarda-chuva, pulou do coche. Ao flutuar para o chão, seus olhos se encontraram com os do boneco, e Grilo viu um relampejo de arrependimento no rosto dele. Mas então, com um grito e um estalo do chicote, o cocheiro atçou os burros a correr. A carruagem saiu velozmente para longe, e Grilo pôde apenas observá-la sumindo à distância.

Mais uma vez, tinha perdido Pinóquio.

CAPÍTULO DOZE



A Ilha dos Prazeres era diferente de tudo que Pinóquio já vira. Era um festival de cores, com brinquedos e atrações. Não havia ruas: apenas canais conectavam as várias atrações, e as crianças passavam de uma a outra em gôndolas. Gargalhadas maníacas ecoavam pelas tendas e prédios. Música rápida tocava sem cessar. Essa combinação deixava tudo muito frenético.

Pinóquio estava desconfortável.

Ele e Espoleta sentaram-se em uma das gôndolas. Os olhos de Espoleta estavam grudados nas atrações — algumas das quais eram muito maduras para o gosto de Pinóquio —, enquanto a cabeça de Pinóquio se virava de um lado para o outro rapidamente, tentando absorver tudo. De repente, ao lado do canal, apareceu um homem com um colete listado de branco e vermelho e uma faixa na cabeça que segurava canudos. Além de um cartaz que dizia: REFRIGERANTE GRÁTIS. Oferecendo refrigerantes, ele sorria.

— Aqui está, senhores! Por conta da casa. Melhor ainda, levem duas cada um! — E entregou mais duas.

Espoleta começou a virar sua bebida açucarada. Pinóquio deu um golinho enquanto a gôndola voltou a deslizar pela Montanha de Açúcar. Os olhos dele se arregalaram. As crianças escorregavam por uma montanha feita de bala. Gritavam, deliciadas, enquanto enfiavam punhados de doces na boca. A gôndola passou para a próxima atração. Passaram pelo Território dos Adultos, onde crianças com trajes de adultos que pareciam exoesqueletos fingiam ralar com manequins infantis. Quando a gôndola se aproximou de uma pilha de tijolos, o olhar de Espoleta brilhou. Pegou um deles e riu com maldade.

— Ei, Sarrafo — chamou, apontando —, saca só aquele vidro colorido. — Ele jogou o braço para atrás e depois soltou o tijolo, que voou pelo ar e atingiu aquela janela magnífica, quebrando-a em milhões de cacos.

Espoleta riu com fúria; Pinóquio forçou um sorriso. Sabia que os meninos e as meninas de verdade estavam adorando aquela devassidão e liberdade, mas ele não. Desejou, outra vez, ter dado ouvidos a Grilo.

Infelizmente, não havia para onde ir. Estava preso na Ilha dos Prazeres até o fim da noite. Então, ia atrás de Espoleta. Foram explorar um restaurante onde trezinhos de brinquedo puxavam vagões cheios de comida deliciosa, devorada pelas crianças.

A gôndola entrou no Salão dos Espelhos, que fazia as crianças parecerem chiques. Um menino vestindo um casaco em frangalhos viu seu reflexo trajando um *smoking*, enquanto um menino tímido se via como um general do exército. Dando uma espiada, Pinóquio se viu no reflexo. Só que não era ele — era um garoto real, usando uma beca de formatura. Antes que pudesse reagir, o reflexo desapareceu.

As atrações continuavam, cada uma mais cruel que a anterior. Na Parada dos Relógios, observou cucos bem-feitos andando por uma esteira rolante enquanto uma fileira de crianças os destruía com martelos. Ao chegarem na Esquina do Desprezo, na qual as crianças podiam falar coisas horríveis e xingar umas às outras, Pinóquio estava se sentindo péssimo. Espoleta, por sua vez, estava animado. Recostou-se, apoiando os pés na borda da gôndola.

— O que achou, Sarrafo? Essa espelunca não é um barato?

— Algo me diz que meu pai não ficaria feliz se descobrisse que estive aqui — respondeu Pinóquio.

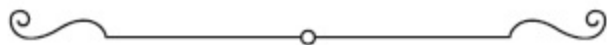
Espoleta desprezou a preocupação.

— Pais são apenas velhos idiotas!

Outro distribuidor de refrigerante apareceu, dando duas canecas para cada menino.

— Bebedores de dois punhos, entendi — disse. — Como eu. — Então, enfiou uma terceira caneca nas mãos de Pinóquio antes de se inclinar e sussurrar de modo nada gentil: — Meninos *de verdade* sempre querem mais!

Pinóquio não deu um gole sequer. Não estava se divertindo. E, até o momento, não estava gostando de como “meninos de verdade” se comportavam. Só queria voltar para casa.



O passeio de gôndola de Pinóquio e Espoleta terminou no Bola Oito, um bar de sinuca vazio. Estranhamente quieto. Espoleta preparou uma jogada enquanto Pinóquio deu um gole da bebida. Sem a gritaria e a gargalhada maníaca das outras crianças, ele escutava o barulho do gás de seu refrigerante.

— Cadê todo mundo, Espoleta?

O menino deu de ombros.

— Por aí — disse, sem se preocupar com o silêncio repentino. — Sua vez.

Pinóquio foi até a mesa. Não fazia ideia de como jogar, então só imitou Espoleta. Pegou o taco e o ajeitou entre os dedos, inclinando-se sobre a mesa. Deslizou o taco para trás e para a frente, mas não acertou a bola. Ia tentar outra vez quando Espoleta falou:

— Por que não quebrou nenhum dos relógios?

Pinóquio olhou para ele. Essa tinha sido a pior parte da Ilha dos Prazeres: uma atração só para quebrar relógios. As crianças os destruíam, desmontando-os totalmente. Pinóquio não teve coragem. Lembrou-se demais da loja do seu pai.

— Não me pareceu certo — falou, baixinho. Espoleta não precisava saber o porquê.

Espoleta riu.

— Ai, que certinho! Bem, acho que você ainda não se transformou em um completo idiota.

— Não quero ser um idiota. Quero ser um menino de verdade.

— Rá! Desse jeito, vai ser só meio menino de verdade. — O tom de Espoleta era duro. Deu outro gole do refrigerante. — Me parece que ainda tem uma consciência... O que faz de você metade *inseto*! — Falava com os olhos estreitados. Tinha acabado de ver algo do outro lado da sala.

Era Grilo!

Que vinha marchando, com a clara intenção de chegar até Pinóquio. Espoleta não permitiria isso.

— Quem me dera ainda ter uma consciência — disse Pinóquio, sem notar a chegada de seu amigo. Voltando-se ao bilhar, conseguiu fazer uma jogada.

Ao mesmo tempo, Grilo berrou e Espoleta usou o taco para acertar o inseto, que caiu num ralo em direção ao esgoto.

Quando Pinóquio ergueu os olhos, Grilo não estava mais lá, e Espoleta estava apoiado no taco, assobiando como se nada tivesse acontecido. Pinóquio balançou a cabeça. Queria que aquela noite acabasse logo.

CAPÍTULO TREZE



Grilo flutuou pelo cano com a ajuda de seu fiel guarda-chuva. Conforme pairava, murmurou grosserias a respeito de Espoleta. Quase se reencontrara com Pinóquio. Agora, vai saber quando se veriam outra vez e em que tipo de encrenca o menino de madeira se meteria.

Chegando ao fim do cano, Grilo arfou de susto ao sair. Estava em uma câmara subterrânea gigantesca. Tudo estava escuro, exceto por uma dúzia de tochas que reluziam e produziam sombras sinistras nas paredes sem acabamento. O ar era denso e quente, e o chão estava coberto de lama gotejante. Grilo engoliu em seco.

De repente, Grilo ouviu uma comoção barulhenta e, então, dúzias de burrinhos caíram de uma calha. Seus olhos se arregalaram ao ver criaturas estranhas se levantarem da imundície do chão. Bípedes, arrastaram-se até os burros urrando, que, para surpresa do inseto, pareciam usar roupas infantis. A boca dele despencou ao ver as criaturas da lama perseguirem os burros até que entrassem em caixotes.

Então, viu a etiqueta dos caixotes: VENDIDOS PARA AS MINAS DE SAL.

Conforme mais burros caíam, mais das criaturas horripilantes e gosmentas os enfiavam nos engradados prontos para recebê-los. Então, quando estavam cheios, outro grupo de criaturas do lodo os colocava em barcaças flutuantes naquele canal de lama. Grilo tentava entender tudo aquilo quando soou um estalo. O cocheiro estava de volta, segurando o chicote.

— Despachem logo esses burros! — latiu para as criaturas enlameadas, estalando o chicote outra vez. — Não temos a noite toda.

Conforme falava, mais dois burros rolaram calha abaixo e pousaram bem na frente dele. Um usava roupinha de marinheiro; outro, um vestido rosa de festa.

— E qual é seu nome? — perguntou o cocheiro ao burro marinheiro.

Para horror de Grilo, o burro respondeu. Com voz humana!

— Alexander — disse.

— E o seu nome? — O cocheiro voltou-se para o de vestido.

— Sally — respondeu o burro, assustado.

— Estes dois ainda estão falando! — gritou o cocheiro, irritado. — Não estão prontos. Mande de volta!

Diante dessas ordens, diversas criaturas enlameadas apareceram e guiaram os dois burros para uma baia. Grilo os seguiu, com uma sensação ruim que não parava de crescer conforme compreendia tudo.

Os outros burros da baia também falavam.

Imploravam por liberdade.

Alguns chamavam pela mãe.

Alguns só choravam.

O cocheiro ouvia os apelos assustados sem dar bola. Não era novidade para ele.

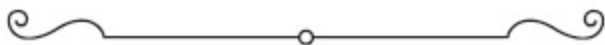
Mas para Grilo era um horror. Reconheceu algo nesses gritos desesperados.

Os burros não eram apenas humanos. Eram crianças!

Pinóquio poderia ser o próximo.

— Preciso avisá-lo! — disse Grilo. Ele olhou o cano por onde tinha descido. Não conseguiria subir de volta por ele. Olhou ao redor, tentando achar um modo de escapar. Seu olhar parou sobre um rojão ao lado de restos de fogueira. Ligeiro, rolou o rojão até o cano. Então puxou uma brasa com o cabo de seu guarda-chuva até o estopim e montou no rojão. — Já tive ideias malucas antes — falou enquanto o cocheiro e as criaturas nojentas continuavam a trabalhar —, mas esta leva o troféu!

Segurando firme, Grilo se preparou para a explosão. Salvaria Pinóquio, custasse o que custasse.



No salão de sinuca, Pinóquio começava a se perguntar se queria ser amigo de Espoleta. O menino era rude, cruel e trapaceiro. Distraía Pinóquio

para que errasse a jogada. Agora tentava justificar esse comportamento.

— Tudo pela vitória. É o que todo mundo faz.

Pinóquio sacudiu a cabeça.

— Sei que Grilo chamaria isso de trapaça. — Então, ficou triste. — Se estivesse aqui.

Espoleta nem deu bola para os sentimentos de Pinóquio.

— Aquele bicho já foi tarde. Para que precisa dele se tem a mim? Do jeito que aquela peste falou, parecia que alguma coisa ruim ia acontecer com a gente.

Com essa deixa, duas orelhas de burro surgiram na cabeça de Espoleta.

Pinóquio levou um susto. Olhou para as orelhas, depois, examinou com suspeita sua bebida. Sem perceber nada, Espoleta preparava outra jogada e não parava de reclamar. Ao se inclinar sobre a mesa, um rabo de burro rasgou a calça dele. Pinóquio tentou avisá-lo, mas o garoto estava ocupado demais imitando Grilo com seus medos e valores inúteis.

— O que aquele gafanhoto pensa que sou? — dizia, enquanto sua cabeça transformava-se na de um burro.

Pinóquio não aguentou e começou a rir. Era engraçado demais. Mas logo parou quando ouviu que sua risada não era mais humana.

Ele zurrava feito um burro.

— Rá! — Espoleta ainda não tinha notado sua própria aparência. — Você tá parecendo um burro... Ióooooo... — Espoleta levou um susto quando um zurro também escapou da sua boca. Ele se virou e correu até um espelho. Gritou de horror ao ver seu reflexo. — Socorro! Pinoquito, me ajuda! Chama alguém! Qualquer um!

Pinóquio observava, sem saber o que fazer, enquanto a mudança de Espoleta prosseguia. As mãos de Espoleta viraram cascos enquanto ele zurrava outra vez, chamando pela mãe. Mas era tarde demais. A transformação estava completa. Emitindo outro zurro, ele arqueou e deu um coice, quebrando o espelho e a mesa de bilhar, tendo um chilique à moda dos burros.

Encolhendo-se num canto, fugindo dos destroços voadores produzidos pelos cascos descontrolados de Espoleta, Pinóquio tentava não chorar. O que estava acontecendo? O que iria fazer? Parecia que não importava a decisão que tomava, era sempre a errada. Pinóquio suspirou, trêmulo. Será que ainda dava para piorar? Como resposta, duas orelhas de burro, e de

madeira, brotaram dos lados de sua cabeça. Um momento depois, cresceu um rabo.

Ele chorava de soluçar, chamando pela única pessoa que poderia ajudá-lo.

— Grilo! — berrava.

Houve alarido, e um cano explodiu. Grilo voou pela sala, montado em um rojão. Saltou e usou seu guarda-chuva para amenizar a queda.

— Pinóquio! — Sua respiração estava ofegante. — Vamos sair daqui! As crianças... Estão virando bur... — Parou de falar ao notar as novas orelhas do boneco. — Ah, não. Você também virou um!

Bam! A porta se abriu com tudo. E atrás dela estavam o cocheiro e duas criaturas da lama. Aparentemente a fuga de Grilo não tinha passado despercebida. Ao ver Pinóquio do outro lado do salão, o cocheiro berrou:

— Peguem aquele boneco!

Mas, antes que as criaturas se pusessem em ação, Espoleta deu outro zurro e, com um coice poderoso, lançou a mesa de bilhar bem em cima dos três. Grilo e Pinóquio não hesitaram. Usando essa distração a seu favor, saltaram pela janela mais próxima e correram noite adentro.

Virando-se para olhar por cima do ombro, Pinóquio falou um obrigado baixinho para Espoleta. O menino tinha ajudado Pinóquio a fugir, mesmo que isso significasse sofrer as consequências. Pinóquio esperava um dia retribuir esse gesto de bondade, se conseguisse escapar dessa ileso.

CAPÍTULO CATORZE



Pinóquio e Grilo correram por entre rochas pontiagudas. Ouviam os gritos do cocheiro logo atrás deles, assim como o estalo do chicote. Olhando por cima do ombro, Pinóquio viu que as criaturas lamacentas corriam de quatro enquanto o cocheiro se equilibrava nas costas delas, um pé sobre cada um.

— Não deixem que cheguem no mar! — berrou, a voz viajando pela noite.

Pinóquio engoliu em seco e acelerou. Ao lado dele, Grilo o incentivava:

— O mar está bem ali adiante! Corre mais rápido!

Grilo não precisou falar outra vez. Os pés de Pinóquio quase voavam pelo terreno irregular. Grilo pegava carona no rabo de burro de Pinóquio. O som das ondas na praia ficava mais alto. Pinóquio deu um grito e parou de repente na beira de um penhasco. Girou os braços feito um moinho para não cair.

— Estamos sem saída — disse Grilo.

Pinóquio olhou o mar abaixo, depois para o cocheiro que se aproximava. Balançou a cabeça.

— Não estamos, não! — falou. — Podemos pular!

— Pular? — choramingou Grilo.

Pinóquio assentiu. Então, mesmo diante dos protestos de Grilo, saltou da beirada. Despencavam pelo ar enquanto o cocheiro gritava, furioso por perder os lucros que um burro de madeira lhe daria. Um momento depois, atingiram a água. Pinóquio afundou por apenas um segundo antes de retornar à superfície. Grilo, que havia se soltado da cauda durante a queda,

flutuou com ajuda de seu fiel guarda-chuva, e pousou na cabeça de Pinóquio.

— Alguém deixou um barril de sal cair nesta água — disse Pinóquio, cuspidando.

— É o mar, Pinoquito! — explicou Grilo. — A água do mar é salgada... Sempre foi.

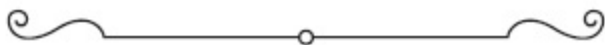
— Sério? — Pinóquio estava assombrado. — Por quê? Grilo deu de ombros. Para essa pergunta, não tinha resposta. E tinham coisas mais importantes a fazer: como nadar para o mais longe possível da Ilha dos Prazeres. Rapidamente, Grilo ensinou a Pinóquio os fundamentos básicos da natação. Quando tinha certeza de que o menino daria conta, assentiu.

— Vamos sair daqui. — Já tinham escapado de um perigo ao fugir da ilha, mas isso não significava que não haveria outros. — Não queremos encontrar o Monstro.

— Quem é Monstro? — Pinóquio perguntou enquanto batia os pés como duas hélices.

— Uma fera do mar — respondeu Grilo. — Ela dorme na superfície da água... É tão grande que parece uma ilha. E pode engolir uma fragata de três mastros numa bocada só.

Grilo não precisou continuar. Pinóquio bateu os pés mais rápido ainda. Queria chegar em casa, em terra firme, antes que Monstro, ou qualquer outra criatura, pudesse pegá-los.



Com ajuda dos pés rápidos do boneco, Pinóquio e Grilo chegaram rapidamente ao vilarejo. Nas primeiras horas da manhã, as ruas estavam silenciosas; as janelas, fechadas; e a aurora providenciava uma luz fraca. Se Pinóquio não estivesse com tanta pressa para voltar para casa, teria apreciado a beleza daquela quietude. Mas, naquela situação, ele mantinha os olhos fixos para a frente, na direção da loja de Gepeto. Chegaram à porta, e ele virou a maçaneta.

Estava trancada.

Pinóquio bateu.

— Talvez ele esteja dormindo? — sugeriu Grilo.

Na ponta dos pés, Pinóquio espiou pela vitrine com olhos cansados e esperançosos. Suas roupas pingavam, criando uma poça debaixo dele.

Quanto mais olhava dentro da loja, mais sua esperança diminuía. A loja estava completamente desabitada. Nada de Gepeto. Nada de Fígaro. Nada de Cléo.

Então Pinóquio notou a ausência de outras coisas.

— Olha — disse, apontando através do vidro —, não tem mais relógios nas paredes.

Não havia mais nenhum cuco na loja. Sobraram apenas ganchos e pregos. Pinóquio ficou nauseado. O que tinha acontecido com seu pai?

O grito de uma gaivota quebrou o silêncio. Virando-se, Pinóquio e Grilo viram Sofia sobre o telhado da casa em frente.

— Ele foi navegar — disse ela.

— Navegar? — Grilo e Pinóquio repetiram juntos.

— Isso mesmo, foi navegar — repetiu também Sofia. — Qual parte vocês não entenderam? — Ela virou a cabeça para coçar debaixo de uma asa. Percebendo que os dois queriam saber mais, explicou o que vira. Gepeto vendera todos os relógios para comprar um barco e navegar até a Ilha dos Prazeres. Descobrira que este tinha sido o destino de Pinóquio. Devorado pela preocupação, Gepeto começara a procurar Pinóquio assim que percebeu que ele não voltara da escola.

Envergonhado, Pinóquio abaixou a cabeça.

— Ele vendeu os relógios para me procurar.

Sofia e Grilo assentiram, compreendendo o tamanho do sacrifício.

— É isso mesmo, garoto — disse Sofia. — Você é mais importante para ele do que os amados relógios.

— Mais do que qualquer coisa — acrescentou Grilo, pensando em como o artesão não gostava de sair da loja.

Pinóquio se encheu de determinação. Seu pai tinha sacrificado tudo por ele. E agora estava perdido em algum canto do implacável oceano. Pinóquio não o decepcionaria. Não dessa vez.

Agarrou Grilo, colocou-o sobre seu ombro e saiu em disparada.

O vilarejo era pequeno, não demoraram a alcançar o porto. Um deque capenga cortava a água azul cristalina. Analisando as ondas, Pinóquio franziu o cenho. Não via Gepeto, nem qualquer outro barco.

Correu até a beirada e se colocou em posição de mergulho.

— Vem — chamou por Grilo. — Vou nadar, você será o vigia.

Grilo agarrou Pinóquio pelo rabo de burro e o puxou para trás. Entendia o desespero, mas ele *era* a consciência do menino.

— Não sabemos para que direção é a ilha — assinalou. — Nadamos de lá, mas a esmo. Então... — Sua fala foi interrompida pelo resfolego de um animal.

Virando-se, viu um vagão puxado por um burro. O rosto do cocheiro estava oculto.

Pinóquio engoliu em seco.

Era um vagão da caravana de Stromboli.

Rapidamente, Pinóquio e Grilo se esconderam debaixo do píer, tentando se manter nas sombras. Grilo se esgueirou entre as tábuas para ficar de olho na caravana. Então, viu Sofia. A gaivota estava empoleirada em uma baliza flutuante no mar.

— Tive uma ideia — sussurrou. — Vou remando até ali e pergunto se ela sabe em qual direção Gepeto foi. Você fica escondido aqui. — Abriu o guarda-chuva, virou ao contrário para usá-lo de barco e começou a remar até a gaivota.

Pinóquio ficou sentado, imóvel, tentando não emitir ruído algum. A última coisa que queria era ser pego por Stromboli outra vez. De repente, passos ecoaram no píer. Eram hesitantes e desequilibrados, como se quem caminhasse estivesse indeciso. Pararam logo acima de Pinóquio, que segurou o fôlego quando uma sombra escura recaiu sobre ele.

Então, com um barulho de *swoosh*, Sabina, a bailarina marionete, apareceu. Abaixando até a areia com os cordões controlados por Fabiana, fez uma pirueta e se virou sorrindo na direção de Pinóquio.

— Olá, Pinóquio — disse.

Suspirando fundo, Pinóquio sorriu de volta. Olhou para cima e viu o rosto feliz de Fabiana. Então, encarou Sabina outra vez.

— Que bom que são vocês — comentou ele.

— Você tem orelhas novas — observou Sabina.

Pinóquio deu de ombros, envergonhado.

— Ah, é. E cauda também.

Sabina não pareceu se incomodar com o novo visual. Ela pigarreou e fez uma pose cheia de formalidade.

— Pinóquio — anunciou, solene —, nós, membros do Novo Teatro Familiar de Marionetes, temos uma proposta muito impor...

— Já estrearam o novo show? — interrompeu Pinóquio.

Sabina apontou para o vagão e assentiu. Pinóquio não tinha notado antes, mas o nome de Stromboli tinha sido substituído pelo novo nome da trupe.

Seis titereiros acenaram da parte detrás do vagão. Sabina contou que Stromboli tinha sido preso. Recuperaram o que lhes era devido: o espetáculo. Pinóquio assobiou, impressionado e contente pelos amigos.

Sabina sorriu, graciosa. Então continuou a proposta interrompida:

— Nós, membros do Novo Teatro Familiar de Marionetes, ficaríamos honrados se quisesse juntar a nós.

O rosto de Pinóquio se iluminou.

— Sério? Vocês querem que eu participe do show?

Sabina assentiu, e Fabiana também.

— É isso aí! — disse Fabiana. — Com orelhas de burro e tudo! — Explicaram que não queriam somente que ele fizesse parte, mas que fosse a atração principal. — Sempre terá um lar com a gente, Pinóquio.

Pinóquio olhou das amigas para o mar. Estava dividido. De um lado, Fabiana e Sabina ofereciam algo com o qual sempre sonhara: um lar... e a chance de fazer parte de um show, algo de que gostou desde quando fora aplaudido de pé. No entanto, Gepeto já lhe dera um lar, cheio de risadas, amor e carinho. Nem sempre era glamoroso e às vezes Gepeto era rígido, mas Pinóquio sabia que o pai queria seu bem. Suspirou.

— Não consigo pensar em nada mais maravilhoso. Não tem nada que pudesse amar mais do que fazer parte do show. Mas... — Distraiu-se ao ver Grilo voltando. Seu rosto encheu-se de dor ao entender o que precisava fazer. — Não posso ir com vocês. Tenho que encontrar meu pai. Me desculpem.

Houve um longo silêncio depois daquela resposta. Mas então Sabina assentiu. Ela entendia.

— Sei como é assustador tomar uma decisão importante. Mas deixe-me te contar uma coisa, de boneco para boneco. — Fez uma pausa, escolhendo bem as palavras. — Quando seu coração está indo na direção certa, não é preciso cordões para guiá-lo.

Pinóquio sorriu, tocado pelas palavras da gentil marionete. E, então, de repente, as orelhas e rabo de burrinho sumiram. Estava claro: ele tinha tomado a decisão correta, então os sinais dos erros do passado desapareceram. Virando-se, Pinóquio viu Grilo sorrindo para ele.

— Estou orgulhoso de você, rapazinho — disse.

Olhando para o vagão à espera, Fabiana assentiu.

— Precisamos ir — falou. Então, virando-se de novo para Pinóquio, acrescentou: — Não podemos perder a balsa.

O olhar de Pinóquio desabou quando as emoções invadiram seu corpinho de madeira. Não queria que Sabina fosse embora.

— Talvez nos encontremos no ano que vem? — A voz esperançosa de Sabina fez Pinóquio erguer os olhos. — Quando voltarmos para fazer um show em Siena...

— Espero que sim — disse Pinóquio.

Então, depois de um último abraço de Sabina e Fabiana, a dupla dirigiu-se para o vagão.

— Você tomou a decisão certa — falaram as duas, acenando quando o vagão se pôs em movimento. — E, Pinóquio, por favor, mande lembranças ao seu pai... quando encontrá-lo!

Pinóquio acenou em resposta, observando o vagão ficar cada vez mais distante. Sabia que tinha tomado a decisão correta, mas, mesmo assim, parte dele desejava ir embora com elas. Então, um grito de Grilo o trouxe de volta à realidade.

— Quase esqueci! — exclamou, lembrando-se de algo por conta das palavras da titereira e marionete. — Sofia disse que Gepeto saiu há umas duas horas, na direção sul. Ela concordou em nos dar uma carona aérea para procurarmos.

De repente, Sofia apareceu voando, batendo as asas rapidamente.

— Peraí! Peraí um minutinho! — disse, irritada. — Falei que daria carona para você... Não para ele. Não consigo carregar uma tora pesada de madeira.

Grilo franziu o cenho.

— Mas nosso tempo está acabando! O que vamos fazer?

Pinóquio olhou para o mar, depois para Sofia. E sorriu.

— Tive uma ideia.

CAPÍTULO QUINZE



A ideia de Pinóquio era ambiciosa. Precisou argumentar um pouco para convencer Sofia. Mas parecia estar funcionando. Pinóquio planava na água, como se os sapatos de madeira fossem esquis. Na mão, segurava uma corda comprida, cuja outra ponta Sofia segurava pelo bico. As asas dela batiam furiosamente ao puxá-los. Empoleirado na aba do chapéu de Pinóquio, Grilo fazia o papel de vigia.

— Sem barcos! Nada! Só água até onde a vista alcança.

— Vamos achá-lo — afirmou Pinóquio. Não tinha passado por tudo aquilo só para perder o pai bem agora.

Sofia tentou falar algo lá do alto, mas a voz saiu abafada pela corda.

— *Meu mi muma moisa!* — avisou.

Grilo inclinou a cabeça.

— O quê? O que ela disse?

— *Meu mi muma moisa!* — Pinóquio repetiu, o que não ajudou em nada.

— Sim, isso eu ouvi! Mas o que ela... — De repente, entendeu. — Sofia, você viu uma coisa?

A gaivota fez que sim, animada. Grilo escalou a corda e observou a imensidão de água. De lá, poderia ver muito além. Estreitou os olhos, tentando ver o que a Sofia tinha visto. Então, deu um grito:

— Pinóquio, estou vendo um barquinho!

Outra vez, Sofia murmurou algo:

— *Mememo!*

Grilo inclinou a cabeça, sem entender. Mas, lá em-baixo, na água, Pinóquio entendeu. Deu um grito feliz ao traduzir:

— *Ge-pe-to!* Ela viu meu pai!

Espiando por uma luneta, Grilo viu que o pássaro tinha razão. Ao leme do minúsculo barco, estava ninguém mais, ninguém menos que Gepeto.

Batendo as asas ainda mais rápido, Sofia rebocou Pinóquio na direção do barco enquanto este gritava pelo pai. Ao se aproximarem, o boneco viu que Fígaro e Cléo estavam lá também. O rosto de Gepeto estava amuado, olhando na direção contrária do filho que se aproximava.

Ouvindo algo além das ondas, Gepeto se aprumou.

— Ouviu alguma coisa, Fígaro? — O gato negou com a cabeça. Mas, então, outra vez. Parecia um chamado de alguém. Ele se virou e arregalou os olhos ao ver Pinóquio deslizando pela água. — É um milagre! Pinóquio! Pinóquio! Está de volta!

— Sim, papai! — gritou Pinóquio. — Estou chegando até você!

— Eu vou até você! — Gepeto berrou de volta.

Agora que estava tão próximo do filho perdido, precisava alcançá-lo o mais rápido possível. Movendo a retranca, virou o barco e foi na direção de Pinóquio.

— Papai! — disse Pinóquio ao se aproximarem. — Preciso pedir desculpas.

— Desculpas? — Gepeto ficou confuso.

— Sim! — Então Pinóquio começou a se desculpar por tudo que tinha feito de errado naquele curto tempo em que estiveram afastados. Desculpou-se por ser expulso da escola. Desculpou-se por se juntar a um circo de marionetes e ser enganado por Stromboli, tudo porque queria ser famoso. Desculpou-se por ter dado ouvidos ao cocheiro e a Espoleta e ido parar na Ilha dos Prazeres. E então desculpou-se por se transformar num burro e, principalmente, desculpou-se por fazer o pai vender todos os relógios. Quando enfim terminou de pedir desculpas, respirou fundo, sem fôlego de tanto falar.

— Fez tudo isso em um dia? — disse Gepeto, olhando para Pinóquio com surpresa, além de certa admiração.

Pinóquio assentiu.

— Fiz.

— Caramba! — Exclamou Gepeto, que não parecia nem um pouco chateado. — Eu não fiz um terço disso a minha vida toda. — Enquanto falava, o barco se aproximava de Pinóquio. De lá, já podia enxergar o rosto do filho. Sabia que algumas das ações dele eram culpa sua. Se não tivesse o protegido demais do mundo, ou demonstrado tanta expectativa, o menino

poderia ter feito escolhas diferentes. Enfim, tanto faz, não importava. O passado tinha passado. Era hora de seguir em frente.

— Pinóquio, meu garoto — disse —, você está perdoado. Fico feliz que esteja de volta, são e salvo. Agora podemos voltar para casa e ficarmos todos juntos. — As palavras sobrevoaram a água e fizeram Pinóquio sorrir. — Seremos uma grande e feliz fam...

Mas antes que Gepeto pudesse acabar de falar, a água entre o barco e Pinóquio transformou-se em espuma branca. Logo depois, uma criatura gigante explodiu das profundezas. Em um gole enorme, uma baleia monstruosa engoliu o barco de Gepeto por inteiro.

— É o Monstro! É o Monstro! — gritou Sofia, largando a corda, o que a permitiu falar com clareza. Sem mais uma palavra, ela partiu, deixando Pinóquio afundar.

Grilo abriu o guarda-chuva e caiu flutuando.

Pinóquio ressurgiu na superfície. Cuspia água feito uma fonte, enquanto Grilo pousava em seu peito. O corpo inteiro de Pinóquio tremia de medo. Tinha pensado que as criaturas enlameadas eram aterrorizantes. Tinha pensado que Stromboli era horrível. Mas Monstro? Era pior do que Pinóquio poderia imaginar. E agora ele tinha engolido seu pai.

Whump!

Outro paredão de água se ergueu quando Monstro ressurgiu, levantando Pinóquio e Grilo pelos ares. Quando o corpo enorme da baleia se arqueou acima das ondas, a criatura abriu a boca e engoliu Pinóquio. Grilo observou de cima enquanto pairava com a ajuda do guarda-chuva.

Fechando a mandíbula com tudo, a baleia bateu na água e então ficou flutuando na superfície. As ondas espumosas se acalmaram.

Então, Monstro começou a roncar.

— Que coisa — disse Grilo, flutuando à frente da pálpebra fechada da gigante. — Está dormindo!

Cutucou a boca da baleia. Estava bem fechada. Não ia conseguir entrar. E isso significava que infelizmente também não havia maneira de sair. Gepeto e Pinóquio estavam presos lá dentro.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Pinóquio disparou por uma **correnteza** turbulenta, na direção do estômago de Monstro. No caminho, passou pelos destroços de ataques anteriores da baleia: pedaços de madeira flutuando, restos de móveis e todo tipo de embarcações. Era como um passeio pelos canais da Ilha dos Prazeres — só que muito mais assustador.

A correnteza foi amainando. Logo depois, Pinóquio deslizou até uma piscina calma. Era o estômago da fera. O espaço era preenchido por um brilho azul, gerado pelo plâncton bioluminescente que fez daquela barriga um lar. Barcos, em diferentes estados de decomposição, pareciam ilhas de madeira. Alguns estavam empalados na parede estomacal, outros flutuavam. Era uma cena inacreditável.

Ao ver Gepeto amarrando o próprio barco a um baleeiro naufragado, Pinóquio chamou-o, alegre, e foi nadando na sua direção. Ao ouvir a voz do filho, Gepeto virou-se. Jogou uma corda e o arrastou até o barco. Então se abraçaram.

Por um momento duradouro, ficaram ali, entrelaçados. Pinóquio segurava-se firme ao pai, enquanto gotas molhavam as tábuas abaixo. O brilho azul do plâncton fazia as lágrimas de Gepeto reluzirem. Por fim, ele se afastou, permitindo que Fígaro e Cléo dessem seus cumprimentos.

— Ah, Pinóquio — disse, afinal —, estamos todos juntos novamente. Não é maravilhoso? — Ele parou e olhou em volta. Precisava admitir que era meio estranho, sem mencionar um tanto úmido e excepcionalmente fedorento, estar dentro de uma baleia.

Pinóquio assentiu. Era maravilhoso se reencontrarem. Mas não tinha intenção nenhuma de passar muito tempo ali. Observou as velas do barco

do pai, então o túnel por onde tinha chegado.

— Assim que Monstro abrir a boca, saímos navegando daqui!

Gepeto negou com a cabeça.

— Olha todo esse lixo aqui dentro. — Apontou para os destroços em volta deles. — Me parece que daqui nada sai. — A não ser que saia pelo outro lado, mas nessa opção não queria nem pensar.

Andando pelo barco, Pinóquio tentava pensar. *Tinha* que haver uma saída. Então viu uma lanterna pendurado em um poste do baleeiro.

— Pai! — Uma ideia começava a se formar. — O que tem naquela lanterna?

— Óleo de baleia — respondeu Gepeto.

Pinóquio assentiu. Foi o que tinha pensado. O plano *podia* dar certo, mas o pai teria que confiar nele.

— Você vai precisar me deixar fazer algo que disse que eu não devia — explicou, olhando o pai nos olhos. — Fazer uma fogueira. Posso?

Gepeto franziu o cenho e começou a negar. Meninos e fogo podem ser uma combinação perigosa, ainda mais se o menino for um de madeira. Ainda assim, sabia que Pinóquio já tinha feito muita coisa por conta própria. Não podia protegê-lo para sempre. Gepeto assentiu, cauteloso.

Pinóquio pulou de alegria.

— Se acendermos uma fogueira enorme, Monstro vai espirrar. O espirro vai nos expulsar daqui!

Gepeto estava ficando mais confiante com o plano. Poderia dar certo. Certamente que sim. Mas iriam precisar de muita lenha para fazer uma fogueira grande o suficiente.

Por sorte, estavam rodeados por pilhas de madeira. Trabalhando juntos, Gepeto e Pinóquio quebraram móveis e arrancaram tábuas dos navios, formando uma pilha no centro do baleeiro. Dando um passo atrás, Pinóquio avaliou o tamanho da fogueira. Era grande o suficiente.

— Certo, pai — disse —, prepare-se para despejar o óleo na madeira.

— Mas, Pinóquio, não temos fósforos nem pederneira — comentou Gepeto. — Como vamos botar fogo?

Pinóquio sorriu. Já tinha pensado nisso — e achado uma solução. Ele se sentou, posicionou as pernas sobre a pilha e raspou os sapatos de madeira um contra o outro. Cada vez mais rápido. Como no palco de Stromboli, fumaça subiu dos sapatos conforme eles esquentavam. Então, uma centelha surgiu.

— Agora! — gritou Pinóquio para Gepeto, que estava a postos com o óleo de baleia.

Conforme Gepeto encharcava a pilha com óleo, Pinóquio baixou os pés incandescentes. O óleo pegou fogo, e a pilha entrou em chamas. Agarrando uma corda, Pinóquio se ergueu até o parapeito e enfiou as pernas na bile salgada do estômago de Monstro, extinguindo as chamas.

Conseguiram! A fumaça já estava ficando densa.

— Vem, papai — disse Pinóquio, pulando para o barco do pai. Precisavam colocar o bote em posição. Jogando uma última ripa de madeira na pilha em chamas, Gepeto saltou a bordo, e então remaram juntos até o centro da garganta de Monstro. Podiam ver uma réstia de sol à frente. Miraram o barco nessa exata direção.

Então, esperaram.

Não demorou muito. Conforme a fumaça encheu o estômago de Monstro, a enorme fera acordou do cochilo. A boca abriu-se: luz do dia, além de mais água, jorraram pela garganta. Pinóquio e Gepeto remaram com força total enquanto Monstro resmungava. Ele respirou fundo, prestes a espirrar.

— Prepare-se, pai! — berrou Pinóquio ao levantar a vela. — Segure em alguma coisa! — Precisavam agir na hora certa. Não sabiam quantos espirros a fumaça causaria, mas, se fosse antes que pudessem escapar, estavam perdidos.

A baleia respirou outra vez. Mais água entrou. Surfando sobre uma onda, Grilo apareceu. Ao ver o inseto, Pinóquio tentou ajudá-lo.

— Grilo! Segura!

— Quem é Grilo? — perguntou Gepeto, vendo o grilo, mas não entendendo.

— Minha consciência! — respondeu Pinóquio.

— Esse grilo é a sua consciência?

Grilo assentiu, agarrando a corda e subindo até eles.

— Não é nada fácil — disse enquanto Monstro inalava uma última vez. Então, com um poderoso *atchim*, a baleia espirrou.

Pinóquio, Gepeto e Grilo gritaram quando a jangada foi atirada para fora da bocarra. O barco voou para bem longe da baleia e atingiu a superfície da água com um *splash* estrondoso. Choveram destroços do estômago de Monstro em torno deles.

— Conseguimos! — gritava Pinóquio, alegre. — Conseguimos!

E para completar, o espirro de Monstro foi tão poderoso que já estavam próximos da terra firme. Quase de volta ao vilarejo. Estavam sãos e salvos!

O pensamento nem tinha terminado de passar pela mente de Pinóquio quando ouviu um rugido ensurdecedor. Virando-se, viram Monstro. A enorme baleia estava furiosa e seus olhos clamavam por vingança — vidrados no barquinho deles. Jorrando água pelo espiráculo, a baleia acelerou na direção deles.

— Continue remando! — gritou Pinóquio enquanto Gepeto movia os remos de madeira em círculos frenéticos.

Quando a baleia estava prestes a alcançá-los, ela submergiu.

A água ficou parada.

Pinóquio e Gepeto olharam pela beirada do barco, confusos. O que tinha acontecido? Onde estava Monstro?

Bum! A baleia saiu da água bem debaixo do barco, que voou pelos ares, pairou por um instante, depois caiu e despencou bem nas costas largas de Monstro. O barco escorregou pela espinha dorsal do monstro e então decolou pelo rabo. Todos a bordo berraram em pleno voo. Com outro *splash*, pousaram na água outra vez. O barco balançou adoidado sobre as ondas, mas, por um milagre, não virou.

Mas a baleia não tinha terminado o serviço.

Monstro se virou e os atacou. Pulou e mergulhou em cima deles. O barco balançou e se revirou nas ondas espumantes. A baleia continuou atacando. Outra vez. E mais uma. Usando as pernas como hélices, Pinóquio tentou tirá-los do rastro de fúria da baleia, mas sem sucesso. Monstro não desistia. De repente, a ponta do rabo atingiu o barco, cortando-o ao meio.

Pinóquio foi para debaixo das ondas por um instante, ressurgindo na superfície. Olhava de um lado para o outro, desesperado, em busca do pai dentre os destroços do barco. Avistou-o quando Gepeto estava a ponto de afundar.

Pinóquio nadou até o pai e o levantou. O homem estava prestes a perder a consciência. Tinha o rosto muito pálido.

— Pinóquio, nade até a praia. Salve-se — disse, antes de submergir outra vez.

Pinóquio negou com a cabeça.

— Segure-se em mim — falou. — Eu não afundo. Sou feito de madeira!

Sem muitas forças, Gepeto ergueu os braços e se segurou em Pinóquio. Virando-se, Pinóquio viu que a proa do barco estava, milagrosamente,

intacta e ainda flutuante. Fígaro estava empoleirado nela, com as patinhas agarradas ao aquário de Cléo. Usando os pés como hélice, Pinóquio nadou com Gepeto até a proa e o ergueu até ela. Pouco depois, Grilo utilizou outra vez seu guarda-chuva para flutuar com segurança.

Mas ainda não estavam livres do perigo. O litoral estava próximo, mas nem tanto. E Monstro ainda estava atrás deles. Enquanto a baleia se preparava para outro ataque, Pinóquio analisou a costa. Constatando que havia uma espécie de caverna estreita em uma parede de falésia, Pinóquio bolou um plano. Agarrado à proa quebrada, bateu as pernas de madeira, cada vez mais rápido, fazendo o barco deslizar sobre a superfície. Atrás deles, Monstro exibia os dentes enormes enquanto intensificava a perseguição.

Monstro aproximava-se, e Pinóquio girava as pernas. A criatura abriu bastante a boca. À frente deles, a estreita entrada da caverna se aproximava. Pinóquio deu uma última explosão de velocidade, e então, bem na hora que Monstro investiu, atravessaram a entrada e chegaram aos confins seguros da caverna.

As paredes balançaram quando Monstro deu o bote e trombou com violência contra a falésia. Água jorrou em todas as direções, e uma enorme onda invadiu a caverna. Após essa maré raivosa ter escoado para fora da caverna, Pinóquio encontrou-se agarrado a uma rocha. Olhou em volta, buscando desesperadamente pelo pai.

Ao vê-lo, soltou um gemido triste. O homem estava deitado no chão rochoso, de olhos fechados. Pinóquio ergueu seu corpo cansado e correu para o lado do pai.

— Pai! — chamou Pinóquio, erguendo a cabeça de Gepeto e ninando-a. — Papai! Acorde! — Enquanto gritava, Grilo, Fígaro e Cléo flutuaram para perto dele. Estavam encharcados, mas todos bem. — Olha, pai! Fígaro está aqui. E a Cléo. Estamos todos aqui!

Mas Gepeto não se mexeu.

Baixando a cabeça, Pinóquio começou a chorar baixinho. Tinham chegado tão perto, enfrentado tanta coisa. Gepeto não podia estar morto. Medo, angústia, tristeza e amor explodiram dentro de Pinóquio enquanto ele chorava sobre o corpo imóvel do pai. Aquele homem tinha lhe dado tudo: vida, lar, família. Tinha lhe dado amor e perdão. E tudo começara por conta de um simples pedido. Baixinho, Pinóquio fez a única coisa que podia pensar em fazer.

Fez um pedido.

Com a cabeça ainda abaixada, Pinóquio não notou a luz que começou a preencher a caverna. Mas Grilo, sim. Tirou o chapéu e o colocou sobre o coração, enquanto observava o poder do desejo de Pinóquio funcionar de uma maneira mágica. Uma única lágrima escorreu do olho de Pinóquio e caiu sobre a testa do pai. A luz ficou mais vibrante, e o ar pulsava com alguma força misteriosa.

Então, os olhos de Gepeto se abriram. Ele tossiu e cuspiu água do mar, piscando os olhos. Seus olhos focaram-se em Pinóquio. Erguendo-se, Gepeto o abraçou.

— Meu filho! Você está aqui!

O rosto de Pinóquio se encheu de alegria.

— Sim, papai! — disse, retribuindo o abraço. — Estamos todos aqui. — Fígaro saltou e Cléo nadou pelo aquário.

— Pinóquio, eu tive um sonho tão estranho. Sonhei que tínhamos sido engolidos por uma baleia.

— E fomos, pai. — Pinóquio riu. Depois de todas as dificuldades, aquele som era maravilhoso.

— É verdade! — falou Gepeto enquanto Pinóquio o ajudava a ficar de pé. — Você nos salvou! Você nadou mais rápido do que qualquer barco a vela! — O sorriso que ofereceu a Pinóquio era cheio de amor. — E isso nenhum menino de verdade conseguiria fazer.

Pinóquio baixou a cabeça.

— Me desculpe, pai — falou, baixinho. — Tentei ao máximo me tornar um menino de verdade, mas não sei se algum dia conseguirei... — Sua voz falhou quando mais lágrimas encheram seus olhos.

— Não precisa se desculpar, Pinóquio — disse Gepeto. — Você tentou, honestamente, com todo o seu coração. E isso faz de você um menino sincero. Sabe o que mais você é? — Pinóquio levantou e sacudiu a cabeça. Gepeto sorria outra vez. — Generoso e muito, muito, valente.

Conforme Pinóquio foi compreendendo as palavras de Gepeto, sua tristeza foi passando. O pai dele continuou, e ele se sentiu ainda melhor.

— Você sempre será meu menino de verdade. E não mudaria nada em você. Tenho muito orgulho de você. E te amo muito.

Gepeto puxou o filho para perto. Todo o amor e a emoção reprimidos por tanto tempo foram parar naquele abraço.

— Também te amo, papai — disse Pinóquio. — Agora, vamos para casa.

Pegando Fígaro e Cléo, Gepeto concordou.

— Sim, vamos para casa — repetiu. E então inclinou a cabeça. — Mas você sabe o caminho?

Pinóquio sorriu e apontou para a luz azul brilhando à distância.

— Vamos seguir aquela luz — disse, com uma voz repleta de força e confiança.

Abrindo o guarda-chuva, Grilo estava orgulhoso ao lado de Pinóquio. Afinal, era a consciência do garoto. Estaria ali para seu jovem pupilo sempre que ele precisasse.

Conforme Pinóquio, Grilo e Gepeto caminhavam, a luz azul se inflamava mais e mais. E então, os membros do corpo de Pinóquio pareceram reluzir e se transformar, como se estivessem se tornando carne e osso, em vez de madeira...

Mas então, rapidamente, a luz esvaneceu.

Pinóquio tinha se transformado em um menino de verdade? Ou fora apenas uma ilusão de ótica?

Transformado ou não, inúmeras vezes Pinóquio se mostrara valente, sincero e generoso.

Ele era amado.

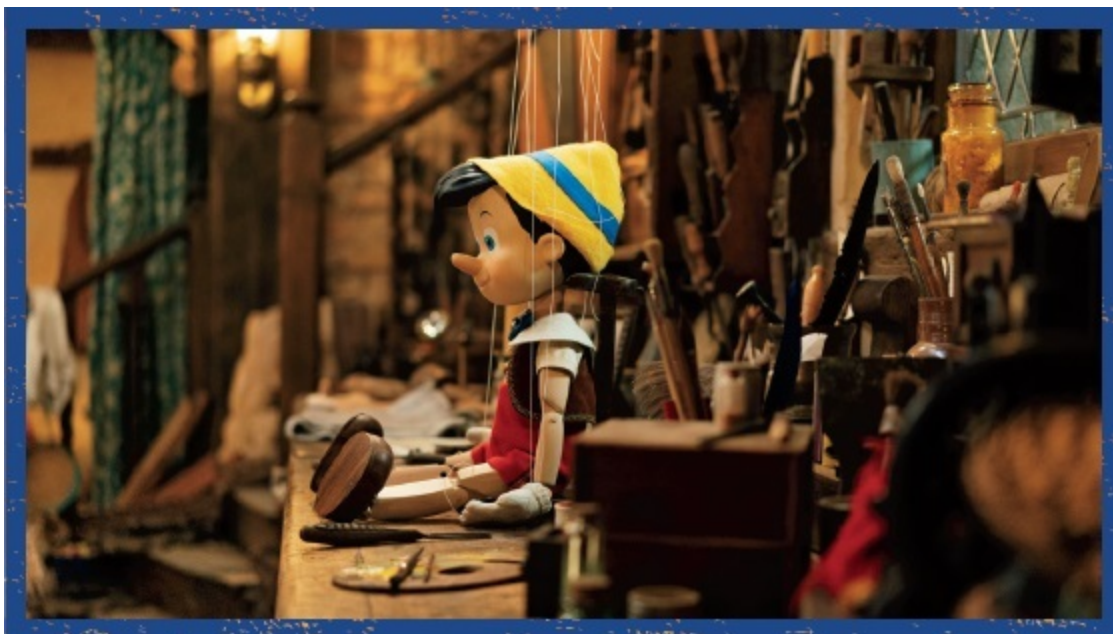
Em seu coração, Pinóquio se sentia tão real quanto um menino de verdade.



O amável e solitário artesão Gepeto cria uma marionete realista para lhe fazer companhia.
Ele dá ao boneco o nome de Pinóquio.



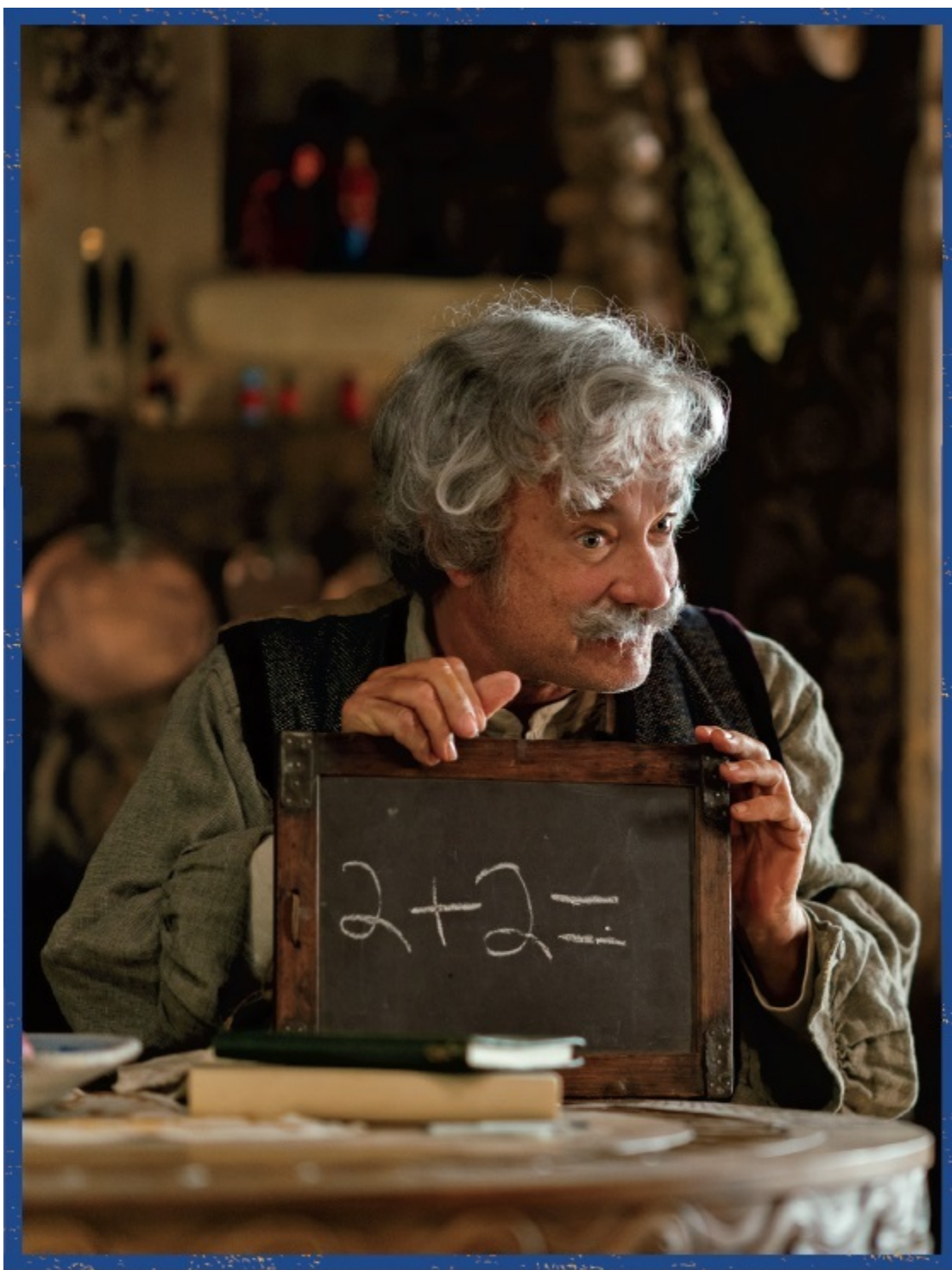
Gepeto deseja que Pinóquio seja um menino de verdade, como o filho que ele perdeu.



Enquanto Gepeto dorme, a Fada Azul realiza seu desejo. Pinóquio ganha vida!



Gepeto fica estarecido mas feliz ao descobrir a transformação de Pinóquio.



Gepeto percebe que não é capaz de ensinar Pinóquio por conta própria e decide mandá-lo para a escola.



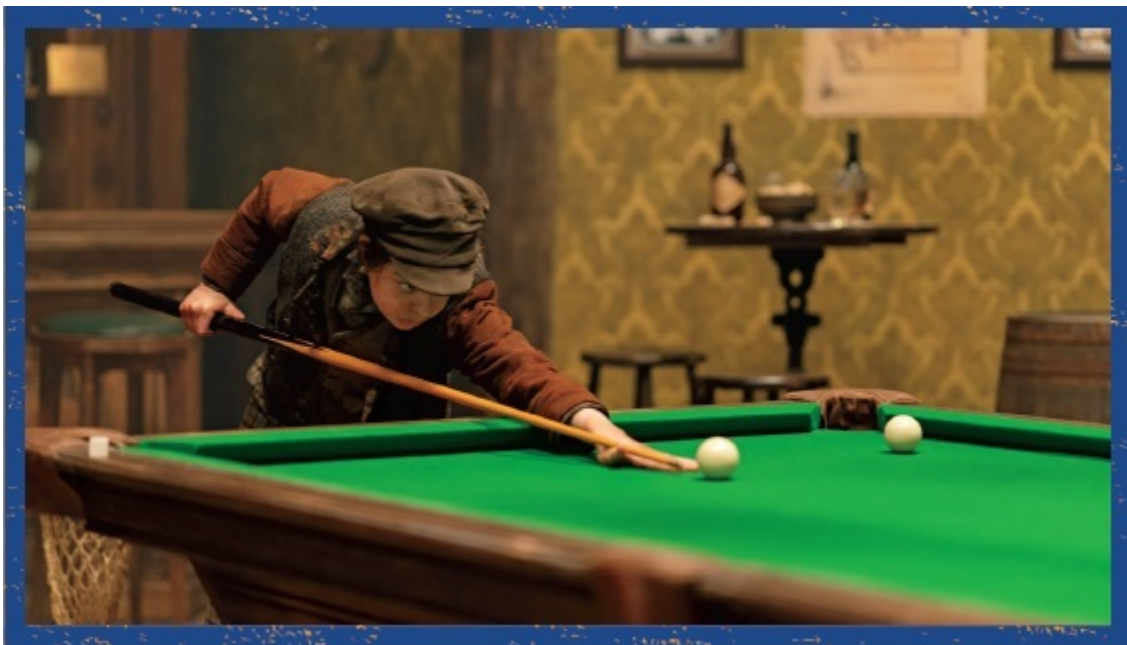
Antes de Pinóquio chegar à escola, ele é abordado por Stromboli, um marionetista. Stromboli coloca Pinóquio em seu show de marionetes.



Após escapar do teatro de marionetes,
Pinóquio encontra um cocheiro malvado.



Pinóquio é recebido na Ilha dos Prazeres,
onde as crianças podem brincar e comer o
que quiserem.



Pinóquio joga sinuca com um garoto
chamado Espoleta.



Espoleta pede que Pinóquio ignore sua
consciência e se comporte mal... o que ele
fará?